This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 465637

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

١

Hic liber mihi est. Coimbra,
F. Costa Farina

NOTAS ELUCIDATIVAS

AOS POEMAS

CAMÕES E RETRATO DE VENUS

NOTAS ELUCIDATIVAS

AOS POEMAS

CAMÕES E RETRATO DE VENUS

DE

ALMEIDA GARRETT

POR

FIDELINO DE SOUSA FIGUEIREDO
(DELFINIO)

Alumno do 7.º ano
do Curso Complementar de Letras

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA ‖ TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 ‖ *45, R. Ivens, 47*
1906

ADVERTENCIA

Apesar de termos já adoptado a escrita simplificada, nas transcrições conservaremos a ortografia do autor.

63-266442

852
2

BIOGRAFIA DE ALMEIDA GARRETT

Ha biografias que são de dificil elaboração pelas trevas que as envolvem e pela falta de documentos relativos. Muitas vezes só as obras do autor nos esclarecem. Outras ha porém de que se conhecem todas as epocas, todos os factos. D'estas é a de Garrett. Mas a biografia d'este escritor tem de particular que os mais simples episodios, que todas as suas viagens e passos têm uma alta significação porque de todos resultava um beneficio, fosse para a Literatura, fosse para a Politica.

E a sua actividade literaria foi enorme em todos os seus ramos.

Por isso acomodar em algumas poucas paginas a biografia de Garrett, de fórma a coadunar-se com a indole do livrinho, que deve ser simples e de pequeno tomo, sem comtudo lhe suprimir passagens gloriosas, parece-nos dificil.

E' a dificuldade da escolha.

Cábe á cidade do Porto, (*) á *invicta cidade*, a gloria de têr sido berço de Garrett. Ahi passou êle a primeira infancia até 1809, ano em que acompanhou a Lisboa e depois á ilha Terceira sua familia, que vinha fugindo aos franceses de Soult. Cêdo começava a sua *Odysséa*.

Foi na ilha Terceira que o futuro chefe da Literatura portuguêsa creou e desenvolveu a sua vocação literaria, mercê da cuidada educação ministrada por seus tios.

Em 1815, contando apenas 16 anos, escreve a sua primeira composição poetica, o poema *Alfonsaida* ou a *Fundação do Imperio Lusitano*.

No ano imediato passou ao reino e foi matricular-se na Universidade, faculdade de direito, apesar das instancias de seus tios conegos, que lhe aconselhavam a vida eclesiastica.

Na epoca de Coimbra é que Garrett é consagrado poeta, sendo a sua primeira revelação publica uma elegia á morte d'um lente muito estimado. E' igualmente em Coimbra que o poeta se manifesta liberal convicto, dirigindo o movimento de protesto

(*) Garrett dedicou a tragedia *Catão* á sua patria:

«A' mui nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, propugnadora fortissima da liberdade constitucional, illustre pelo sangue de seus martyres, O. D. C., testemunho de amor e devoção á sua patria, J. B. d'Almeida Garrett.»

Quem quiser conhecer minuciosamente historiada a biografia de Garrett consulte as *Memorias de Garrett*, por F. G. d'Amorim.

contra a recusa do voto eleitoral aos academicos naturaes d'aquela cidade.

Existia então na cidade universitaria um teatro de estudantes. Para êle escreveu Garrett varias tragedias com assunto classico, porque a tragedia classica era o unico meio de exprimir a febre de liberdades, que a intransigencia dos lentes contrariava.

Quando em 1820 rebentou a revolução liberal, capitaneada por Manuel Fernandes Thomaz, Garrett saudou o advento da Constituição com uma ode, lida e delirantemente aplaudida na Sala dos Capelos. Foi o maior triunfo da sua vida academica.

A epoca de 1816 a 1820 é pois a fase de formação e revelação do grande genio, como poeta, dramaturgo e propugnador indefêsso do constitucionalismo.

No ano imediato ao da sua formatura publicou *O Retrato de Venus*, poema em quatro cantos, tendo por tema os amores de Venus e Adonis e um bosquejo da Historia da Pintura.

Naquela fase de oscilatoria politica e de idéas tambem oscilantes, o bom gosto não existia e por isso o poema foi aprehendido e o autor processado. Esta querela teve de proveitosa a sua estreia como orador eloquentissimo, conseguindo a absolvição.

No mesmo ano, glorificando o grande patriota Manuel Fernandes Thomaz, escreveu para um teatro particular a tragedia *Catão*.

Eram ainda as reminiscencias da intolerancia literaria que reinava em Coimbra.

No espectaculo, em que se estreou a tra-

gedia, conheceu a sua futura esposa D. Luisa Midosi.

A epoca que corre de 1822 a 1831 é na vida de Garrett uma longa *Odysséa*, durante a qual o poeta compõe as mais belas producções do seu lirismo, despertado e inspirado pelas saudades da patria e da esposa.

Garrett já então era apontado aos absolutistas como *liberalão* e por isso quando rebentou a contra-revolução de D. Miguel, a *Vilafrancada*, emigrou para Londres, onde passou as mais duras necessidades porque o governo inglês lhe negou a pensão a que tinha direito como emigrado politico.

Neste primeiro exilio Garrett transformou-se como escritor, talvez por influencia da vastidão do meio.

Como introdutor do Romantismo em Portugal, escreve o *Camões*, poema elegiaco, meio classico, meio romantico e a *Dona Branca*, a primeira composição portuguêsa da nova escola, que assim ficou definitivamente constituida.

Coligiu e reviu a antiga poesia popular portuguêsa.

Entretanto em 1826, D. João 6.º morria, outorgava-se a Carta e indultavam-se os criminosos politicos. Garrett repatriou se e fundou o *Português*, cujos artigos determinaram a prisão dos seus redactores e entre êles o poeta. Por este jornal introduziu o seu fundador os folhetins revistas de espectaculos.

Em 1828 D. Miguel regressava de Vienna d'Austria e proclamava-se rei absoluto.

Garrett, que seria victima das cégas per-

seguições de D. Miguel aos seus adversarios politicos, emigrou novamente, desta vez acompanhado de sua esposa.

Neste segundo exilio escreveu a *Adosinda*, poema, tendo por assunto uma lenda popular, que foi logo vertido em inglês, e coligiu as suas primeiras poesias sob o titulo *Lirica de João Minimo*.

Em 1832 D. Pedro 4.º, que viéra a Portugal para advogar a causa do constitucionalismo que seu irmão D. Miguel violára, recrutava na ilha Terceira o celebre exercito dos 7:500 do Mindello. Garrett alistou-se, desligando-se depois por algum tempo do serviço por ser nomeado para colaborar nas reformas regeneradoras da sociedade portuguêsa.

Foi no exercicio d'esse cargo que êle redigiu o decreto que reorganisou a administração do paiz.

Voltando ao exercito, bateu-se heroicamente no celebre cêrco do Porto. Eram o sentimento do amor filial e a convicção das idéas que o impeliam á cega defensão da mais nobre cidade portuguêsa.

Durante esse memoravel assedio, o soldado cedia nas tréguas do combate alguns momentos ao escritor. O romance *O arco de Sant'Anna*, foi o producto d'esse agitado periodo.

Passados anos, que novas perseguições e viagens lhe trouxéram, vêmo lo entrar francamente na politica.

Como fundador do moderno teatro nacional, Garrett rompeu com os tragicos franceses e italianos, por cujo modêlo escrevêra as

tragedias da sua primeira fase literaria e buscou assunto nas tradições nacionaes. Pertence a este periodo do dramaturgo *Um auto de Gil Vicente* (*). A ação d'este drama baseia-se nos lendarios amores do poeta Bernardim Ribeiro com D. Beatriz, filha de D. Manuel.

A escolha foi felicissima para inaugurar o movimento de restauração não só pela oportunidade do assunto, mas ainda pelo palpitante dos amores do infeliz novelista.

A peça despertou o maior entusiasmo e preparou habilmente o publico intelectual para assistir á remodelação do nosso teatro.

O Alfageme de Santarem, outro passo agigantado para essa remodelação, valeu-lhe por mal interpretado a demissão dos cargos de Inspector Geral dos Teatros e de Director do Conservatorio, fundado por iniciativa sua.

A publicação do *Frei Luis de Sousa* em 1844 completa a restauração. O *Frei Luis de Sousa*, tão genuinamente nacional pelo assunto, tão heroico pelo exemplo de patriotismo raro na epoca da ação, é a obra prima do moderno teatro português.

Abstraindo da cegueira e da aduladora critica que até aqui o têm julgado, o drama é um primor mais como beleza que como perfeição. Todavia ainda não foi destronado e posteriormente nada de comparavel surgiu no nosso restricto meio literario, onde quasi o teatro nacional não existe.

(*) Pouco antes da publicação do *Auto de Gil Vicente*, reeditavam-se as obras de Gil Vicente, fundador do antigo teatro nacional.

O *Frei Luis de Sousa*, o drama *Filippa de Vilhena*, e a comedia *A sobrinha do marquez*, publicados a seguir, consumaram pois a reforma do teatro nacional.

O seu canto de cisne é o volume *Folhas caídas*, versos impregnados de um lirismo melancolico, insuflado pelo avisinhar se da morte e por amores tardíos por que a sua alma borboleteava.

Aos 55 anos (1854) Garrett estava gasto pelas canseiras da sua agitada vida. E assim passou prematuramente aquêle grande genio que com Herculano acordou a literatura portuguêsa do seu letargo desolador e a modernisou.

Garrett na poesia e no teatro, Herculano na historia didactica e no romance reformaram intelectualmente a sociedade portuguêsa.

Espiritos tão diversos, Garrett elegante, poeta do amor, estrela das salas, Herculano concentrado, cioso do seu isolamento, quasi intratavel no fim da vida, concordaram comtudo involuntariamente os seus estimulos.

No muito que se tem dito e escrito sobre Garrett, alguma coisa de parcialidade ha a descontar porque á volta do seu nome formou-se uma auréola de prestigio que, ainda ajudada pelo atrito do tempo, dificilmente uma critica justa conseguirá dissipar.

Comtudo Garrett será em todos os tempos um brilhante ornamento da nossa galeria de escritores.

Setembro de 1905.

FIDELINO DE SOUSA FIGUEIREDO.

NOTAS ELUCIDATIVAS

AO

POEMA «CAMÕES» DE ALMEIDA GARRETT

CANTO I

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.

(Lusiadas — Canto III — Estancia 21.ª)

Versos da estancia com que, segundo o plano dos *Lusiadas*, Vasco da Gama introduz a narração da historia patria na fala ao rei de Melinde. Sintetisa o assunto do canto I: *Regresso de Camões ao reino*. Lido o canto notar-se-á o perfeitissimo cabimento da citação, já pela conexão, já pela indole do poema.

Assunto da Estancia 1.ª—*Invocação á Saudade.*

NOTAS

Saudade! Gôsto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho,
Que me estás repassando o intimo peito
Com dôr que os seios d'alma dilacera,
—Mas dôr que tem praseres—Saudade!

Analogamente D. Francisco Manuel de Mello, escritor do seculo XVII, chamou-lhe:

Um mal de que se gosta, um bem de que se padece...

e Latino Coelho modernamente na sua poesia *A Saudade:*

Ai! Saudade!
Saudade, ameno pungir!
.....
Ai! Saudade!
Saudade, meigo penar!
.....

.... Saudade!
Mavioso nome que tão meigo sôas
Nos lusitanos labios, não sabido
Das orgulhosas bôccas dos Sycambros
D'estas alheias terras.

Veja nota no fim do texto.

A' foz do Tejo — ao Tejo, ó deusa, ao Tejo
Me leva o pensamento que esvoaça
Timido e acovardado entre os olmedos
Que as pobres aguas d'este Sena regam,
....

Uma leitura irrefletida póde ocasionar duvida pela anteposição do complemento *me* ao verbo *leva*, resultando tomar-se para sujeito o *pensamentò*, quando êle é complemento objectivo.

Garrett passou parte do primeiro exilio em Paris, como empregado na casa bancaria Laffite. A falta de recursos obrigou-o a abandonar Londres, onde não era possivel conseguir qualquer colocação.

Veja nota no fim do texto.

Vem, no carro
Que pardas rôlas gemedoras tiram
A alma buscar-me que por ti suspira.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 2.ª — *Elogio da Gran-Bretanha.*

NOTAS

Vem; não receies a acintosa mofa
D'esta voluvel, leviana gente:

E' proverbial a inconstancia dos francezes, d'onde deriva toda a sua superioridade intelectual. Pinheiro Chagas resumiu o espirito francês na celebre frase: «A França queima-se nos incendios que atêa; arde, mas o mundo alumia-se com essa luz.»

Deixa o caminho da infeliz Pyrene:

Caminho dos Pyreneus, isto é, de Espanha. O nome dos montes vem da ninfa Pyrene que tendo sido abandonada morreu devorada pelas feras que infestavam aquêles montes.

Veja nota no fim do texto.

Couto da foragida liberdade.

Durante as guerras civis provocadas pelas novas idéas liberaes, muitos dos seus propugnadores emigraram para Inglaterra que os acolheu benignamente.

Minha terra hospedeira, eu te saúdo!

Em 1823 triunfando a contra-revolução *Vilafrancada*, Garrett, liberal convicto, emigrou no paquete «Duque de Kent II» para Falmouth d'onde partiu para Londres. O governo inglez negou-lhe o subsidio a que tinha direito como emigrado politico, mas particularmente o poeta foi *hospedeiramente* acolhido. Foi no exilio que Garrett escreveu o *Camões* e outro poema *Dona Branca*, o primeiro da nova escola «Romantismo», que se publicou em lingua portuguêsa. Foi indultado em 1826. Quando em 1828 D. Miguel se proclamou rei absoluto, Garrett emigrou de novo para Inglaterra d'onde regressou em 1832 com o exercito de D. Pedro 4.º reunido na Ilha Terceira. Neste segundo

exilio Garrett compôs a *Adosinda*, logo traduzida em inglez.

Veja nota no fim do texto.

Thamesis [1]

*

Assunto da Estancia 3.ª—*Dedicatoria a um português residente em Inglaterra.*

NOTAS

Certo amigo na angustia...

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 4.ª—*Da nau em que viaja Camões avista-se terra portuguêsa.*

Assunto da Estancia 5.ª — *Comoção dos passageiros á vista da terra.*

Assunto da Estancia 6.ª—*Introdução de Camões; e seu retrato.*

NOTAS

Era esse o extremo promontorio
Que dos montes de Cynthia...

Veja nota no fim do texto.

[1] Tamisa, forma mais aproximada do inglez *Thames* (pron.: Té'mese.)

Gesto onde o som da bellicosa tuba
Jamais a côr mudou....

Veja nota no fim do texto.

.....
Honrada cicatriz...
..... dá realce
A's feições nobres do gentil guerreiro.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 7.ª — *Aproxima-se a terra que pouco a pouco mais distinctamente se desenha.*

NOTAS

Já na terra
Que a olho se avisinha, as mal distinctas,
Diversas côres surdem,...

Veja nota no fim do texto.

... Tal observas
Sob os pinceis de artifice divino,

Compara o autor a aproximação sucessiva da terra ás diferentes fases porque passa uma tela, começando na confusão e terminando por distinguirem-se as flores dos prados e jardins.

Assunto da Estancia 8.ª — *A nau lança ferro.*

NOTAS

— Piloto!—gritam; e a um signal de bordo
Do alteroso galeão....

Veja nota no fim do texto.

.... o palinuro.

Antigamente *palinuro* era nome de pessoa: assim se chamou na fabula o piloto da nau de Eneas. Mais tarde a poesia começou a empregá-lo para designar indistinctamente qualquer piloto.

... estreita bôcca
Por onde seus tributos d'agua e d'oiro
Leva ao Oceano o rio d'Ulyssea. [1]

Gabriel Pereira de Castro, escritor do seculo XVII, compôs um poema *Ulyssea* tendo por assunto a fundação de Lisboa e que então uma critica parcialissima antepôs aos *Lusiadas*.

... torre antiga e veneranda,
— Hoje tão profanado monumento

Veja nota no fim do texto.

[1] Foz do Tejo. *Rio d'Ulyssea*: Tejo. *Ulyssea*: Lisboa, que dizem ter sido fundada por Ulysses, rei da ilha d'Ithaca.

E já no porto da inclita Ulyssea
(LUSIADAS - Canto IV—Estancia 84.ª)

... monumento
Das glorias de Manuel...

O mosteiro dos Jeronymos foi mandado construir por D. Manuel, o Venturoso, para comemorar a descoberta do caminho maritimo para a India.

*

Assunto da Estancia 9.ª — *Desembarque dos passageiros.*

Assunto da Estancia 10.ª — *O Jau vendo-se abandonado a bordo solta um clamor de suplica.*

Assunto da Estancia 11.ª — *Disputa entre Camões e o mestre do escaler.*

NOTAS

Do homem que é mau do berço á sepultura

Veja nota no fim do texto.

—Mas não tarda
A suffocar a debil voz do instincto
O que chamaram *reflexão* no mundo:
Melhor dirias *reacção* dos habitos
Que um instante vergou a natureza.

Bem analisado, este periodo dá-nos a nitida comprehensão da mudança subita dos remadores, ocasionada não pelo reparo mais demorado na sua atitude (reflexão), mas pela oposição, pela resistencia dos habitos (reação) porque a profissão d'êles era remar — e era

justamente por isso que êles iam naquêle barco e não para terem compaixão.

—A' fé que não! —gritou c'o accento austero

Veja nota no fim do texto.

Por vida minha o que quereis ao Indio?

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 12.ª—*Impaciencia de Camões, indiferença do mestre: Considerações.*

Assunto da Estancia 13.ª—*Introdução do monje: seu retrato.*

NOTAS

Vira o Tejo[1]

Intervir na disputa malferida

Veja nota no fim do texto.

O tempo, que tão longe tem passado
Pela accurvada frente, lhe ceifara
Messes em que talvez a mocidade
Viçosa lourejou.....

Comparação do rosto do velho a uma seara ceifada.

[1] Veria o Tejo.

.... as sandalias costumadas
A sacudir o pó da terra do impio

O velho era missionario.

Rico de affrontamentos e trabalhos.

Veja nota no fim do texto.

... occidua praia.

Praia ocidental, Portugal, e especialisando, Lisboa.

Asia opulenta, Africa adusta

Note-se a propriedade dos atributos.

*

Assunto da Estancia 14.ª — *Pacifica intervenção do velho.*

NOTAS

... na aze [1]

— n'este velho
Corpo nem sempre andou burel de monge;
Malha tambem vestiu...

O missionario tambem tinha sido soldado.

— Mas uma espada
Ou na batalha em mãos de cavalleiros
Ou fóra d'ella a rufiões só cabe.

[1] *Ala.*

Melhor será reconstituir a ordem directa para evitar alguma falsa interpretação:

— Mas uma espada só cabe
ou em mãos de cavalleiros n'uma batalha ou a rufiões
fóra d'ella.

Poucos pardáus contem.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 15.ª — *Considerações sobre o crepusculo.*

NOTAS

Nebulosa Albion

Nome por que era conhecida a Inglaterra entre os antigos gregos. O atributo *nebulosa* é quasi inseparavel do nome d'aquêle paiz, porque em Inglaterra pairam constantes nevoeiros.

Quando no berço teu, bardo sublime,
Inimitavel, unico....

Shakespeare, o primeiro poeta tragico da Inglaterra e um dos mais notaveis de todas as literaturas. Nasceu em Warwick, onde Garrett residiu por algum tempo, e escreveu as obras primas: *Romeu e Julieta*, *Othelo*, *Hamlet*, *Ricardo 3.º*, *O Mercador de Veneza*, etc.
Veja nota no fim do texto.

... sensivel Julieta

Personagem d'uma das mais notaveis tragedias de Shakespeare. Os nomes de Julieta e Romeu, seu amante, citam-se frequentemente para designar um amor amaldiçoado e contrariado de todos os modos pelas familias dos infelizes namorados.

*

Assunto da Estancia 16.ª — *O cair da noite.*

NOTAS

Ausente era Diana e seu modesto,
Sereno brilho,....

Diversamente designada era a lua nos poetas antigos; chamavam-lhe: Phebea, Diana, Lucinea, Proserpina, Hecata, etc.

... o touro celeste...

Um dos signos do Zodiaco, constituido por varias estrel s, as mais visiveis das quaes são o Aldebarão e duas das Hyades, dispostas em triangulo e correspondente a fins de Abril e principios de Maio. Camões chegou a Cascaes em Abril de 1570, ano tristemente assignalado pela *Peste grande*.

*

Assunto da Estancia 17.ª — *Anciedade dos repatriados que procuram descobrir por entre as trevas as casas de suas familias.*

Assunto da Estancia 18.ª — *Camões comove-se ante a satisfação e a anciedade dos seus companheiros, de que não participa.*

Assunto da Estancia 19.ª — *Os passageiros saltam na praia.*

Assunto da Estancia 20.ª — *Rapidas biografias do Jau e do missionario, os unicos que juntos com Camões, permanecem na praia.*

NOTAS

— Deu-lhe o ser matrona do Ebro;

isto é, nasceu de mãe natural do paiz banhado pelo Ebro: é espanhol.

Veja nota no fim do texto.

E os pendões de Isabel hasteou nos muros
Da vencida Granada:

Segundo Garrett, o missionario, quando soldado, (Estancia 14.ª, versos 13 a 17) tomára parte na conquista do reino mouro de Granada por Fernando de Aragão e Isabel de Castella, os Reis Catolicos.

Mas a frente,
.....
Nem só das murtas se coroou da Alhambra;

Não combatêra só em Granada.

A Alhambra, que ainda hoje se admira em Granada, era simultaneamente fortaleza e residencia real. E' um modelo de elegancia e riqueza architetural, estilo arabe.

CANTO II

Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo, foi candida e bél
Sendo das mãos lascivas maltratac
Da menina, que a trouxe na capel
O cheiro tráz perdido, e côr murc
Tal está morta a palida donzéla,
Sêcas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vid

(LUSIADAS—Canto III—Estancia 134.ª)

Estancia do episodio de Ignez de Ca
que sintetisa perfeitamente pela analogi
assunto o canto 2.º: *Morte de Natercia*

*

Assunto da Estancia 1.ª — *Entrada d'um fun no templo.*

NOTAS

... o bronze [1]

Que agudos uivos desgrenhadas gritam
Essas mulheres pallidas?

Veja nota no fim do texto.

[1] Os sinos.

De escuro vaso e longo dó vestidos?

Veja nota no fim do texto.

Clarão triste de mortos.

Veja nota no fim do texto.

A gemedora viração da noite;

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 2.ª — *Impressão que produz a vista d'um funeral.*

NOTA

Ruim agouro! Um sahimento funebre
Ao regressar á patria!

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 3.ª—*Camões impressiona se.*

NOTA

Um tronco sêcco,
Pelos ventos do outomno despojado
De viço e folhas,—tenda abandonada
Pelo viandante que volta á patria.

O monge explica a seu modo o misterio da morte. A segunda parte

tenda abandonada....

deixa entrever a idea d'outra vida, a eterni-

dade que naquêles tempos era crenç
e indiscutivel.

*

Assunto da Estancia 4.ª—*O frade convida á oração.*

Assunto da Estancia 5.ª—*Camões entra mente no templo, onde entoavam cios.*

NOTAS

... a victima da morte
D'hymeneu illibada succumbíra.

Natercia morreu solteira. Hymene de Bacho e de Venus, era o deus in pelos pagãos nas cerimonias nupciaes. sentavam-no adolescente, loiro e mui til, coroado de rosas e empunhando cho: o amor. Frequentemente emp significando o casamento.

... os vapores
Da resina sabéa.

Incenso de Sabá, hoje Sabbéa, cid Arabia.

... esses hymnos
Que, na solemne entrada do sepulc
Terrivel canta a egreja...

Os oficios funebres.

... A ponto entravam
Os viajantes no templo...

Veja nota no fim do texto.

—«Tedio da vida concebeu minha alma;[1]

*

Assunto da Estancia 6.ª—*Intimamente impressionado, Camões desfalece.*

Assunto da Estancia 7.ª—*O monge, aparentemente alheio á perturbação de Camões, ajoelha a seu lado e ora.*

Assunto da Estancia 8.ª—*O cortejo põe-se de novo a caminho.*

NOTA

Ousado emblema do dorido chôro.

Choradeiras, carpideiras ou pranteadeiras.

*

Assunto da Estancia 9.ª — *O prestito passa junto do poeta, que vê cair perto uma grinalda de rosas brancas.*

Assunto da Estancia 10.ª—*Camões, preferindo a certeza, ainda que desagradavel, á duvida, segue o feretro.*

[1] Até ao fim da estancia é tradução do capitulo X de Job.

Assunto da Estancia 11.ª—*Entra no sepulcro.*

Assunto da Estancia 12.ª — *Considerações.*

Assunto da Estancia 13.ª — *Camões chega justamente no momento em que vão cerrar a campa.*

NOTAS

... quando o sol se erguer do oriente
A dar a extrema luz ao dia extremo.

O dia de Juizo, o ultimo da humanidade, segundo o rito cristão.

... que traslade ao vivo.

Que traduza perfeitamente.

*

Assunto da Estancia 14.ª—*Reconhece emfim o cadaver.*

Assunto da Estancia 15.ª — *É reconhecido pelos que acompanhavam o feretro.*

NOTA

— «Nathercia» — d'echo em echo repetiram
Os echos dos moimentos...

*

Assunto da Estança 16.ª—*Cae exanime. Fecham o ataúde.*

CANTO III

Por meio d'estes horridos perigos,
D'estes trabalhos graves e temores
Alcançam os que são da fama amigos
As honras imortaes e gráus maiores.

(LUSIADAS—Canto VI—Estancia 95.ª)

Após a chegada de Vasco da Gama a Calicut, Camões faz varias reflexões que começam por estes versos. Sintetisam o Canto III:

Horridos perigos, trabalhos graves e temores,

que Camões sofreu e pelos quaes alcançou renome eterno.

*

Assunto da Estancia 1.ª—*O dia rompe e Camões dorme.*

NOTA

... benigno Morpheu...

equivale a

... somno propicio.

*

Assunto da Estancia 2.ª —*Descrição da céla do monge.*

NOTAS

... rudo lavrados. [1]

Veja nota no fim do texto.

[1] Rudemente lavrados.

... indico dente. [1]

Ao que nas aguas mysticas do Ganges,
Por novo rito e lei, [2] lhe consagrára
Antigas abluções. [3]

Os indios consideram santas as aguas do Ganges e nélas se banham para se purificarem do pecado.

O livro dos christãos...

O Evangelho que contém a vida de Jesus e os preceitos da sua religião.

... os rudes traços do pincel recorda
De Perugino ou Vasco, á infancia da arte.

Perugino (Pedro Vannucci), assim chamado de ser natural de Perugia na Italia, foi um dos pintores mestres de Rafael. Pintou principalmente quadros religiosos que apesar da sua pouca variedade apresentam regular beleza e harmonia (1446-1524).

Vasco, cognominado o Grão Vasco, foi um dos maióres pintores portuguêses e viveu no Seculo 15.º Pertence á Escola Florentina e apontam-no como discipulo de Pedro Perugino. Os seus quadros, espalhados por todo o reino, denotam, apesar da rudeza do desenho, profundo conhecimento de architetura. Era insigne na paisagem. Foi pintor da

[1] Marfim.
[2] *Novo rito e lei:* A Fé cristã, para êles nova.
[3] O missionario.

côrte de D. Affonso V e, parece, tambem de D. Manuel. Segundo uns o seu melhor quadro é a *Paixão de Cristo no horto*, que existe em Thomár e segundo outros é o *S. Pedro* que se conserva em Vizeu e sobre que Robinson escreveu: «O *São Pedro* é sem duvida uma notavel obra de Arte e ilustraria uma grande galeria de pintura. Vale bem a pena d'ir a Portugal só para vêl-o.»

Veja nota no fim do texto.

... virtude
Que o philosopho disse humanidade,
Caridade o christão.

Veja nota no fim do texto.

Novo Tobias no hemispherio novo

Las-Casas, piedoso prelado espanhol, que combateu tenazmente a crueldade dos seus compatriotas na conquista da America, (1474-1566).

Tobias é um personagem biblico, celebre pela sua piedade e resignação. Tendo cegado já na velhice, recuperou a vista pelo cuidado de seu filho, inspirado pelo anjo São Rafael.

*

Assunto da Estancia 3.ª — *Porque professara o monge.*

NOTAS

Ante homens numes, dos trovões senhores

Verso de Filinto Elisio.

Pensada reflexão, não voto incauto,
Extorquido á fraqueza ou céga infancia,
Lhe trocou no burel o azero e malha.

Alusão ás profissões violentadas.

*

Assunto da Estancia 4.ª — *Camões acorda.*

Assunto da Estancia 5.ª — *Não reconhece o logar nem os companheiros.*

NOTA

Do castelhano cenobita o hospede.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 6.ª — *Saudação do monge a Camões.*

NOTA

... sadia,
Se não mui exquisita [1]

*

Assunto da Estancia 7.ª — *O missionario sae para a oração da manhã.*

Assunto da Estancia 8.ª — *O epico quer explicar a sua perturbação na vespera; o frade opõe-se delicadamente.*

Assunto da Estancia 9.ª — *Confessa que o seu escravo tem sido o seu unico amigo.*

[1] *Exquisita* significa aqui de iguarias muito escolhidas e variadas.

Assunto da Estancia 10.ª — *O Jau recusa o nome de «amigo», tão profanado.*

NOTA

Os de Macau, de Gôa e Moçambique,
Todos faltaram;

Em Macau Camões foi acusado, quando desempenhava o cargo de provedor dos defuntos e ausentes, de defraudar a fazenda nacional e por isso conduzido prêso a Gôa (1558).

A nomeação para este cargo foi um exilio dissimulado e provocado pela satira acerba *Os Disparates da India* que Camões fulminou contra a dissolução vergonhosa que reinava no Oriente português. De volta a Gôa esteve prêso durante algum tempo e, parece, por mais d'uma vez, por motivo relativo á estada em Macáu.

Em Moçambique foi cobardemente perseguido por Pedro Barreto, que antes se dizia seu amigo e até o favorecêra. Por ocasião da investidura de Francisco Barreto, o governador que foi prendê-lo a Macau, escreveu e destinou a esse acto o *Auto de Filodemo.*

*

Assunto da Estancia 11.ª — *Começa a narrar a sua vida.*

NOTAS

... outra causa mais violenta,
Mais nobre...— e mais funesta —

Diz-se que tratando na côrte com D. Caterina d'Athayde, os seus amores se enraizaram

e chegaram ao conhecimento de D. João 3.
O castigo limitou-se a desterro para Punhe
te (?), mas por reincidencia teve de parti
para Ceuta.

... africanas praias, dura eschola
Da portugueza mocidade.

Ceuta cuja conquista em 1415 no reinad
de D. João 1.º encetou a expansão colonia
dos portuguêses.

Ahi se exercitáram, combatendo contra o
moiros, para maióres empresas.

Da veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 12.ª — *Continuação: salv*
seu pae.

NOTA

Estreito [1]

— Estendo o escudo...
Movimento feliz! Salvei-lhe a vida.

Parece não ser absolutamente verdadeir
este facto; tudo quanto se sabe de Simã
Vaz de Camões, pae do poeta, nos inclina
considerar este episodio como menos rigo
rosamente historico.

O pae do poeta partiu, ainda na primeir

[1] Estreito de Gibraltar.

infancia d'este, para a India, d'onde só voltou por 1548 ou 1549, morrendo em 1550.

Esta pequena inexactidão nada prejudica comtudo a belêza da estancia.

*

Assunto da Estancia 13.ª — *Continuação: Revela a sua paixão por Natercia.*

NOTA

...— nem o esquecimento
D'um inimigo cru, jurado, injusto,

O pae de Natercia.

*

Assunto da Estancia 14.ª — *Continuação: Perseguições do pae de D. Caterina d'Athayde.*

NOTAS

Ao vingativo conde.

Garrett aceita a tradição de ser D. Caterina filha do conde de Castanheira.

Veja nota no fim do texto.

Hoje porém novas investigações e por ventura mais profundas puséram-na de parte e atribuem a filiação de Natercia a D. Antonio de Lima, mordomo-mór do infante D. Duarte.

O nascimento igual...

Luiz de Camões era de nobre ascendencia. Sua mãe D. Anna de Sá pertencia á casa de Vimioso e seu pae era neto de João Vaz

de Camões fidalgo valido de D. Affonso 5.º, a quem acompanhou nas lutas em Castella e em Africa, e descendia de Vasco Pires de Camões, o introdutor em Portugal da familia galega Camões. Vasco Pires foi crédor de grande consideração e estima de Leonor Telles, cujos direitos defendeu zelosamente. Foi prisioneiro do condestavel em Aljubarrota; apontam-no como um dos ultimos cultores da escola de poesia provençalesca.

*

Assunto da Estancia 15.ª—*Continuação: morre-lhe o pae; lembra-se de partir como soldado.*

Assunto da Estancia 16.ª — *Continuação: passeando ás margens do Tejo, a vista dos navios surtos fez-lhe recordar todas as glorias d'além-mar.*

NOTAS

Aos palmares do Ganges invergados
De tropheus portuguezes...

A' India onde os portuguêses tinham ganho muitas victorias.

Era uso em tempos antiquissimos dependurar numa arvore, em signal de victoria, os despojos do vencido.

Na India entre as arvores de grande porte predominam as palmeiras, agrupadas em extensas matas, palmares.

... via o nauta
Que ousou galgar o Tormentorio cabo,
E nos balcões da descoberta Aurora
Hasteou as Quinas Sanctas.

Vasco da Gama, descobridor do caminho por mar para a India

descoberta Aurora
em 1498.
Quinas Sanctas

A bandeira portuguêsa tambem assim chamada em razão dos cinco pontos marcados no escudo, que segundo a tradição foram adoptados para insignia real em Ourique como memoria dos cinco reis vencidos (1139).

Parece porêm que a verdadeira origem d'aquêles cinco pontos foi um adelgaçamento sucessivo e depois completo desaparecimento das hastes da Cruz de Cristo, ficando portanto apenas o centro ou ponto de cruzamento e os quatro extremos.

... as muralhas prostram
Do rico Ormuz, da prospera Malaca,
E da soberba Goa, emporio novo
De novo imperio immenso.

Ormuz, situada numa ilha á entrada do golfo Persico, era um dos principaes centros do comercio arabe, que d'ahi irradiava para a Syria por caravanas e para os portos do Mediterraneo, principalmente Veneza, e conseguintemente para a restante Europa.

Albuquerque comprehendendo que tomar Ormuz era assenhorear-se do trato do Oriente, conquistou-a em 1507.

Malaca, chave do estreito do mesmo nome, era emporio obrigado do comercio maritimo das Filipinas, da China e do Japão. Tomou-a tambem.

Emporio novo de novo imperio

Goa, que êle destinava a capital das possessões portuguêsas na Asia, entregou-se-lhe sem resistencia em 1510.

Os reis de Siam e Narsinga

Reis do Oriente, tributarios de Portugal.

... Os nobres muros
Vi de Diu estalar, saltar aos ares
Por infernal ardil...

Cidade e ilha no mar da Arabia, antiga possessão portuguêsa. Sustentou dois memoraveis cêrcos: o primeiro em 1538 no vice-reinado de D. Garcia de Noronha e governando a praça D. Antonio da Silveira; o segundo em 1547 sendo governador geral D. João de Castro e da praça D. João de Mascarenhas.

E' a este ultimo que Garrett se refere.

Ahi morreu, victimado pela explosão da mina dos baluartes, D. Fernando, filho de D. João de Castro, aos 19 anos tendo combatido valorosamente. Mais tarde, a fim de garantir o emprestimo de 20:000 pardaus para a reedificação da fortaleza de Diu, D. João mandou desenterrar o cadaver do

filho. Como porêm o corpo não estivesse ainda em estado de ser exumado, ofereceu as suas barbas.

*

Assunto da Estancia 17.ª — *Continuação: entusiasma-o a recordação dos heroes portuguêses.*

NOTAS

Fabricio — General romano que amiudadamente se cita como tipo de honradez, singeleza de habitos e desinteresse.

> ... esse pae venerando — esse Fabricio
> Da lusitana historia.

D. João de Castro, o mais isento dos governadores da India.

Vasco — o descobridor da India.

Pacheco—Duarte Pacheco Pereira, cognominado o *Achilles lusitano*, venceu sete vezes o Imperador do Malabar.

> A fome
> N'um hospital galardoou Pacheco;

Regressado da India, foi acumulado de honrarias por D. Manuel que o proveu na capitania da Mina, cargo muito rendoso. Porêm perseguido pela calumnia de ter-se alcançado foi preso e trazido para Lisboa, onde morreu numa enxerga d'hospital, inocentemente infamado.

A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;

D'entre os muitos agravos, que D. Manuel causou ao grande capitão, o que mais o afligiu foi a substituição que o rei determinou, cegado pela intriga e pelo mesquinho desejo de ofender Albuquerque com ser rendido por um seu inimigo pessoal: Lopo Soares d'Albergaria. Foi esta ofensa que lhe arrancou á hora extrema a celebre e muito conhecida frase: *Mal com os homens por amor d'el-rei e mal com el-rei por amor dos homens.*

Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava.

Efectivamente D. João de Castro morreu pobrissimo, porque êle mesmo afirmou pouco antes de morrer: *que ao vice-rei da India faltavam naquela doença as comodidades que o mais humilde dos soldados acha nos hospitaes, que fôra ao Oriente para servir o seu rei, não para comerciar. Naquêle dia nem houvéra em casa dinheiro para uma galinha.*

E, dirigindo-se aos oficiaes da fazenda, pediu lhe abonassem uma modesta quantia para custear

os soccorros ultimos.

Mas d'esta pobreza, manda a verdade historica, não devemos exprobar D. Manuel porque era mesmo da indole de D. João de Castro, que afirmava: *que os soldados comiam*

eiro dos seus soldos de vice-rei que da :da real. Além d'isso pouco antes da morte, morte inesperada aos 48 anos, Manuel abonou-lhe uma avultada quan- ıomeou-o de simples governador vice-rei ı a um filho seu a capitania-mór do mar ıdia. Por essa pobreza, testemunho elo- tissimo da isenção e generosidade de ɔão, devemos portanto prestár-lhe pro- ɜ veneração sem comtudo censurar Manuel, que, embora baldadamente, con- iu para uma mediania, impossivel em :téres como aquêle.

*

:o da Estancia 18.ª—*Continuação: achou-se m frente do templo de Belem.*

NOTAS

... do templo
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz, padrão sagrado
De gloria e religião, esmêro d'artes.

templo de Nossa Senhora de Belem, ɔ Mosteiro dos Jeronymos. Esta mages- fabrica, a primeira curiosidade archite- a de Lisboa, foi mandada delinear por Manuel e construida á custa dos dizimos imenta. Ergue-se no local onde existiu mida do Restêlo; foi nesta ermida que :ipulantes da armada de 1497 veláram prepararam espiritualmente para a aven- ıa travessía.

projecto, em que trabalharam numero- : ilustres architetos, foi apresentado por

Boytaca, italiano, o que para muitos será causa de ofensa ao seu orgulho nacional. Porêm isso é menos razoavel porque a nacionalidade artistica não se deduz da patria do artista, mas do país que o inspirou. Assim houve nas variadas escolas de pinturas artistas de todas as nações, o que não as desnacionalisou.

As obras primas, verdadeiras maravilhas, que contem, são, pelo menos devem ser, do conhecimento de todos. Os Jeronymos são a mais bela conceção do *estilo manuelino.*

Lá repoisam os restos supostos de Camões e os do seu cantor Garrett.

Veja nota no fim do texto.

... esmêro d'artes
Protegidas d'um rei...

D. Manuel disvelou particularmente a construção do monumento e no testamento recomendou que não fossem retirados os dizimos da pimenta até se acabar a construção.

*

Assunto da Estancia 19.ª — *Continuação: entrou no templo e ajoelhou junto do tumulo de D. Manuel.*

NOTAS

N'aquellas pedras animadas
Por cinzel primoroso se pasciam
Meus olhos admirados.

Fórma poetica:

... atque animi pictura pascit inani...

ENEIDA — Canto I.

As palmas, as cordagens inlaçadas,
E o signal sancto que as remata e une.

Elementos do estilo manuelino.

.... Lenho triumphante
O vexillo da gloria portugueza...

As vélas e bandeiras das armadas, que partiam para as descobertas, tinham pintada uma cruz vermelha, insignia da Ordem de Christo, de que o infante D. Henrique foi grão-mestre e cujas rendas destinou ás emprêsas maritimas.

*

Assunto da Estancia 20.ª — *Continuação: Visão.*

NOTA

Viscera patente [1]

*

Assunto da Estancia 21.ª — *Continuação: resolve compôr a epopéa.*

NOTAS

... Joven ousado,

Camões teria 29 anos, então.

Um monumento mais duravel
Do que as mólles do Egypto erguer lhe deves.

Os *Lusiadas.*

[1] Coração.

MÓLES DO EGYPTO—As piramides, grandes monumentos que serviam de tumulos reaes.

... Fui ingrato
Eu, fui! [1]

LISIA — Portugal, assim chamado de Luso ou Lisa, filho ou companheiro de Bacho, de quem os poetas nos faziam descendentes.

Como o incerado rôllo sobre as aguas
Unico leva á praia o nome e a fama
Do perdido baixel...

Veja nota no fim do texto.

.....
Inspiração maior que humana coisa.

Nesta estancia Garrett supõe muito habilidosamente que a impressão funda, que em todos produz o interior magestosissimo do templo, a recordação do feito que comemorava e dos muitos que se seguiram, sugeríra a Camões a composição dos *Lusiadas*.

*

Assunto da Estancia 22.ª — *Continuação: resolve partir para a India.*

[1] D. Manuel.

Assunto da Estancia 23.ª — *Interrompe-se a narração: procuram Camões.*

NOTAS

Uma carta fechada a fio negro

Veja nota no fim do texto.

... *Sancta-Fé* se chama
O galeão;...

Veja nota no fim do texto.

CANTO IV

Já a vista pouco a pouco se desterra
D'aquelles patrios montes que ficavam;
.....
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as máguas lá deixaram;
E já, depois que toda se escondeu,
Não vimos mais emfim que mar e céu.

(LUSIADAS — Canto I—Estancia 3.ª)

Versos da fala de Vasco da Gama ao rei de Melinde, comêço da narração da viagem para a India, a mesma que Camões agora, segundo o plano do poema, ia emprehender. Sintetisa portanto o canto 4.º: Viagem de Camões para a India.

Garrett na descrição d'esta viagem segue muito de perto a descrição dos *Lusiadas*.

*

Assunto da Estancia 1.ª — *Leitura da carta.*

NOTA

... nas desertas rocas
Do castello mourisco, sôbre a serra
Da Lua,...

Ruinas do castelo dos mouros na Serra de Cintra.

Assunto da Estancia 2.ª — *Antes de partir para a entrevista, marcada na carta misteriosa, Camões confia á guarda do missionario o seu poema.*

NOTAS

Por bôcca anda de todos
Que do joven monarcha se prepara
Nova jornada ás costas africanas.

D. Sebastião foi efectivamente duas vezes á Africa, como logo se deprehenderia do adjectivo *novo*. Apesar d'isso parece haver aqui um pequeno anacronismo. A primeira viagem, que o adjectivo faz supôr já efectuada ao tempo da ação da estancia, só se realisou em 1574, isto é, quatro anos depois da chegada de Camões, 1570. Além d'isso sabe-se pelo seguimento do poema que a viagem referida é a de 1578, a desastrosissima jornada de Alcacer-Kibir.

Ha portanto uma antecipação de quatro anos.

Um portuguez que portuguez lhe fale,

E' vulgarissima a imodesta expressão: *falar português*, significando, falar franca e abertamente.

Minha vida
Toda ha sido de estranhas aventuras.

A vida de Camões, ou antes, o longo penar de Camões é de tal maneira comovente e incute-nos ao mesmo tempo um entusias-

mo tal que tem dado e continuará a dar assunto a muitissimas composições. As principaes das grandes composições em lingua portuguêsa são:

Camões, poema que analisamos; *Camões*, drama de Cipriano Jardim; *Luiz de Camões*, drama de Luiz Antonio Burgain, brasileiro; *Historia de Camões* de Teofilo Braga e *Luiz de Camões*, romance de Campos Junior.

Da vida inteira é fructo.

Muitas das estancias dos *Lusiadas* foram compostas ainda na mocidade do poeta que então ainda não pensava na epopéa.

Ja naufrago das aguas d'esse rio.

Em 1560, quando viajava debaixo de prisão, ordenada pelo governador Francisco Barreto, naufragou na foz do rio Mekong ou Cambodja. Nadando conseguiu salvar-se e ao seu poema.

*

Assunto da Estancia 3.ª — *Recomeça a narração da sua vida; recebe um bilhete de Natercia no mesmo dia em que estivéra no templo de Belem.*

NOTA

... alva e sem lume
Parecia no azul dos céus tranquillos
Infante a lua, como a arco eburneo
Que ao mundo que n'esse astro affiguravam,
Deram antigos vates.

Diana, deusa da caça e da castidade, era tambem venerada pelos pagãos como deusa da lua, como o seu irmão Apollo era o deus do sol. Representava-se Diana geralmente meia envolta num largo véu azulado e recamado de estrelas; no penteado á maneira de diadema brilhava um crescente de lua.

Era portanto um dos quartos que o adjectivo *infante* diz ser o crescente.

*

Assunto da Estancia 4.ª — *Continuação: Conteúdo do bilhete.*

NOTA

— Ausencia dura,
Separação cruel só póde unir-nos.

Note-se o bélo e verdadeiro contraste.

*

Assunto da Estancia 5.ª—*Continuação: Partida.*

Assunto da Estancia 6.ª—*Continuação: Descrição da viagem até á passagem do equador.*

NOTAS

Por esses mares
Que humana geração jámais abrira,

e nos *Lusiadas:*

Por mares nunca d'antes navegados
(Canto 1—Estancia 1.ª)

As mauritanas varzeas tão regadas
De sangue luso.

Desde a jornada de Ceuta em 1415, reinado de D. João 1.º, até ao fim do reinado de D. Affonso 5.º, houve guerra continua em Marrocos pelo desejo de novas conquistas. A guerra defensiva das praças conquistadas tambem exigia novo dispendio de vidas, o que desculpa de certo modo o abandono de Çafim, Arzila, Alcacer-Ceguer e Azamor, determinado por D. João 3.º

... a frondosa
Vicejante Madeira, a primogenita
De nossas descobertas....

A primogenita de nossas descobertas foi a ilha de Porto Santo; descobriu-a Bartholomeu Perestrello em 1418.

A ilha da Madeira só foi descoberta em 1419. Todavia não ha incorreção porque o autôr quer significar o grupo em globo.

O generoso Henrique

O celebre infante D. Henrique, grão-mestre da Ordem de Cristo e iniciador da expansão maritima e colonial dos portuguêses para o que fundou em Sagres uma escola de nautica e sciencias correlativas.

Massylia esteril e os queimados serros
D'onde o Sanagá negro [1] se despenha,

[1] *Negro*, da côr dos indigenas.

A Senegambia, região da Africa ocidental onde corre o rio Senegal (Sanagá).

Fortunadas ilhas [1]
... as que d'Hesperio o nome tomam

Hesperides, hoje ilhas de Cabo Verde.

Jalofo—região africana fronteira a Cabo Verde.

... Mandinga,
D'onde o curvo Gambea ao Tejo manda
As ricas páreas do caudal luzente.

Região tambem fronteira ao archipelago de Cabo Verde e outrora muito abundante em oiro.

As Dórcadas passámos, que dos silvos
Das viboras na areia inda retinem:
Crespas tranças outr'ora que inflammavam
O cerulo Neptuno.

Nas ilhas de S. Thomé e Principe (Dórcadas) localisáram os antigos um mito curioso.

Medusa, uma das três Gorgonas habitantes d'aquelas ilhas, foi violada num templo de Minerva por Neptuno, que d'éla se enamorára. Minerva, não podendo vingar a afronta ao seu templo na pessoa do deus dos mares, castigou horrivelmente Medusa. Transformou-lhe em serpentes os cabelos, em garras os pés e as mãos e deu ao seu olho, porque só um possuia, o poder de petrificar todos os que a olhassem.

[1] Canarias.

No immenso golpho entrámos...

Golfo da Guiné.

... a frondente
Ilha que do incrédulo discipulo
O apellido tomou.

Ilha de S. Thomé. Todos sabem da incredulidade do apostolo quanto á resurreição de Cristo, d'onde derivou o proverbio: *Ver e crer como S. Thomé.*

.... a fertil
Vastissima região que lava o Zaire,

O reino do Congo, avassalado e convertido á fé cristã pelos portuguêses. Descobriu-o Diogo Cão em 1182.

Assim transposto
O que divide o mundo, ardente termino,

O equador passado pelos portuguêses em 1469.

... a plaga immensa
Não sonhada de antigos sabedores,

A America.

Por onde o velho mundo dilataram
Os nossos e os que após dos nossos foram:
....

Veja nota no fim do texto.

Esta estancia é paralela ás estr. 4.ª e 13.ª Canto 5.º, *Lusiadas*.

*

Assunto da Estancia 7.ª — *Continuação: descrição da viagem do equador ás proximidades do Cabo da Boa Esperança.*

NOTAS

O astro novo, não visto d'outra gente
Antes que o luso nauta lh'o amostrasse,
Já no hemispherio opposto nos brilhava,

A constelação *Cruzeiro do Sul*.

Veja nota no fim do texto.

Alli, pesar de Juno e de seus zelos,
Vimos banhar nas aguas de Neptuno
A inflammadas Ursas.

Os ántigos, que nas suas viagens nunca passavam ao hemisferio austral, que até ignoravam a sua existencia porque supunham o mundo plano, nunca deixavam de ver as duas *Ursas*. E, como sempre que a sciencia falhava, recorriam á sua fecunda imaginação. E explicavam:

Jupiter enamorára-se d'uma princeza d'Arcadia, Calisto, de quem tivéra um filho o *Boieiro*, e colocára-os a ambos no ceu. Calisto fez-se acompanhar do seu cão, a *Ursa Menor*.

Juno ciumenta obteve de Neptuno, rei dos mares, que essas perfidas constelações nunca se banhassem nas ondas.

O *Boieiro* é uma constelação de forma pentagonal que se acha no firmamento prolongando a curva da cauda da *Ursa Maior.*

... força descontrada
Da impetuosa corrente.

Ao longo da costa sudoeste africana corre do sul para o norte o ramo superior da bifurcação da Corrente Antarctica, chama-se a corrente de Benguella.

Esta estancia é reprodução das est. 14.ª, 15.ª, 16.ª, 37.ª e 38.ª Canto 5.º, *Lusiadas.*

*

Assunto da Estancia 8.ª — *Continuação: passagem do Cabo da Boa Esperança.*

NOTAS

Eramos cêrca do famoso cabo,
A que mudou boa esperança o nome,
Que primeiro lhe démos, das Tormentas.

Veja a segunda nota á estancia 16.ª, Canto 2.º

No ar se me affigurou troar d'irada
A potestade immensa d'algum genio.

Veja nota no fim do texto.

... aqui aspera vingança
De quem me descobriu tomarei.

Bartholomeu Dias, o primeiro navegador

que dobrou o Cabo da Boa Esperança, naufragou ao passá-lo como capitão d'um dos navios da segunda armada que ia á India e superiormente comandada por Pedro Alvares Cabral.

Nem da beldade as lagrymas formosas,
Nem suspiros d'amor, nem ais carpidos
De maternal ternura hão-de amolgar-me...

Manuel de Sousa Sepulveda, sua esposa D. Leonor e filhos voltando da India, naufragáram perto do Cabo da Boa Esperança. Quasi todos os naufragos pereceram, uns afogados, outros de fome e outros ainda ás mãos dos cafres. Salvaram-se apenas oito portuguêses. Jayme Côrte Real, escritor contemporaneo de Camões e seu inimigo, tomou este assunto para um poema de 17 Cantos em verso solto, *O Naufragio de Sepulveda.* Supõe que os tritões se enamoráram de D. Leonor, e provocáram o naufragio para possuí-la.

Hoje este poema só é legivel nas aulas de Literatura.

E não se acabará só n'isto o damno;

Verso de Camões, estancia 84.º Canto 8.º *Lusiadas.*

Antes por vossas mãos o mór castigo
Recebereis:

A má administração economica e a indisciplina que reinava entre os militares e os funcionarios civis, bem depressa lançaram o

império luso-indiano no caminho da ruina.

Chegou a tal ponto a corrupção que foi necessario proíbir aos capitães que tirassem das fortalezas a artilharia e o restante armamento.

Compare-se a estancia 8.ª ás est. 39.ª a 48.ª, Canto 1.º, *Lusiadas*.

*

Assunto da Estancia 9.ª—*Continuação: chegada a Moçambique.*

Assunto da Estancia 10.ª—*Continuação: chegada a Gôa.*

NOTA

... essas praias que o triumpho
Viram do forte Castro.

Voltando do cêrco de Diu, D. João de Castro foi recebido triunfalmente em Gôa.

*

Assunto da Estancia 11.ª—*Continuação: devassidão que reinava na India ao tempo da estada de Camões.*

Assunto da Estancia 12.ª — *Continuação: baldados esforços para evitar a quéda do império.*

NOTÀ

Ergui a voz, clamei contra a vergonha
Que o nome portuguez assim manchava,
.....
Puniu desterro injusto a minha audacia.

Veja nota no fim do texto.

Assunto da Estancia 13.ª — *Continuação.*

NOTAS

Annos sette vaguei de terra em terra,
Ora vendo essas ilhas escaldadas
Do eterno fogo que as consume e anima,
Ora os deliciosos habitantes.
Da malaia peninsula.

Camões partiu para a India em 1553 chegando lá no mesmo ano; foi nomeado *Provedor mór dos defuntos e ausentes* em Macau no ano de 1556. Regressou a Gôa preso em 1558. De 1562 a 1567 Camões toma parte em varias digressões militares ás Molucas, Malaca, etc. Em 1569 embarcou na náu *Santa-Fé* com destino ao reino.

---

ilhas escaldadas do eterno fogo

Filipinas, ilhas da zona torrida.

Macau — Parece que foi em Macáu e no isolamento d'uma gruta que Camões escrevêra grande parte da epopéa. Essa gruta ainda hoje se admira e no seu interior existe um busto do grande épico.

*

Assunto da Estancia 14.ª — *Continuação: Descrição da gruta.*

NOTAS

Confucio — notabilissimo filosofo chinez, fundador d'uma religião muito moral, o *Confucionismo,* derramada por toda a China.

SOCRATES — filosofo grego, filho do escultor Sophronisco. O seu metodo d'ensino era a conversação de que usava com superior habilidade. Condemnado a tomar a sicuta, morreu placidamente entre os seus discipulos. O seu grande merito é ter concluido que o unico conhecimento necessario aos homens é o dos seus deveres.

Que ao Socrates da China se amostrára
Mais temporão, se lhes não mentem chronicas,
Que ao amante de Phedon.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 15.ª —*Continuação: Desanimo do poeta.*

Assunto da Estancia 16.ª —*Continuação: Reanima-se a compôr a epopéa.*

NOTAS

A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Versos dos *Lusiadas*, canto 1.º, est. 3.ª

Um Nuno fero, um Egas, um Dom Fuas

D. Nuno Alvares Pereira é bem conhecido pelo importantissimo papel que tomou na defensão da causa de D. João 1.º

Egas Moniz é na nossa historia o simbolo da lealdade pelo exemplo dado por ocasião

do cêrco de Guimarães pelo rei de Castella. Todos conhecem este fato meio lendario.

D. Fuas Roupinho, cavaleiro de D. Affonso Henriques e alcaide de Porto de Móz, é celebre pelas suas façanhas contra os moiros.

Orlandos falsos e de vãos Rugeiros?

Orlando, Roldão em mais rigoroso português, paladino sobrinho de Carlos Magno. Foi o heroe mais cantado nas *gestas* do ciclo literario Carlovingeano. Ainda no principio do seculo 16.º o poeta italiano escreveu o poema *Orlando furioso,* tendo por tema a vida do heroe de Roncesvalles. Nesta batalha Roldão obrou prodigios auxiliado pela sua invencivel *Durindana*, espada que um anjo lhe ofertára. Em português existe um romance popular com o mesmo assunto.

Rugeiro era companheiro de Roldão.

Eneas — filho do troiano Anchises e de Venus (ascendente do povo romano). E' o heroe do poema *Eneida.*

A estancia 16.ª reproduz as est. 3.ª a 12.ª do Canto 1.º *Lusiadas.*

*

Assunto da Estancia 17.ª — *Continuação: Determina compor os «Lusiadas».*

Assunto da Estancia 18.ª — *Finda a narração.*

CANTO V

Repoisa lá no ceu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

(CAMÕES—*Sonetos.*)

Versos do soneto *Alma minha gentil.*

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cêdo d'esta vida descontente,
Repoisa lá no ceu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethéreo, aonde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa a dôr que me ficou
Da mágua, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus que teus annos encurtou
Que tão cêdo de cá me leve a ver-te
Quão cêdo dos meus olhos te levou.

A paixão profunda, imensa de Luis de Camões por Natercia inspirou-lhe as mais belas composições liricas. Nélas predominam a consciencia da dôr e uma evangelica resignação que se observam muito particularmente no soneto presente.

— «A vida de Camões é um drama doloroso e todas as suas poesias vibram com essas emoções intimas. O amor considerado como um sentimento di-

vino, a natureza rehabilitada pela observação da sciencia, a belleza exaltada como uma manifestação da divindade, as imagens da mythologia hellenica ajudando a exprimir por allegorias esse novo estado da alma moderna; a graça anecdotica, a comparação dos phenomenos naturaes aos moraes, a vaga incerteza entre os limites da realidade e da aspiração quando conta as suas aventuras, a ingenuidade quasi infantil e instinctivamente destructiva das convenções banaes, tudo isto anima o lyrismo de Camões fazendo das suas despedaçadas composições um poema subjectivo. TEOFILO BRAGA.

Atrózmente perseguido pelas máguas d'amante, era eximio em canta-las e Garrett compondo a canção á mórte de Natercia, Canto 5.º, foi primoroso na deliciosa melancolia que lhe imprimiu sem tocar de leve o tom piégas de que alguns poetas abusaram.

Garrett tinha nítida comprehensão do lirismo e conhecia de perto o estado da alma lacerada de Camões, que se exala de todas as suas canções e sonetos do ultimo periodo da sua vida.

Aquêles dois versos sintetisam pois o Canto 8.º cuja parte principal é a Canção á morte de Natercia.

*

Assunto da Estancia 1.ª — *Chora sobre a grinalda.*

Assunto da Estancia 2.ª — *Passa em revista rapidamente quanto sofrêra resignado e animado pela esperança de possuir Natercia, esperança que logo ao chegar á patria se evolara.*

Assunto da estancia 3.ª — *Funda melancolia que sentia ao ouvir o maçarico.*

NOTAS

Ouvi gemer a lamentosa Alcyone.

Alcyone, mulher de Ceyx, rei de Trachis, foi transformada com seu marido em maçarico, ave maritima.

Alta a noite, escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes;

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 4.ª — *Rememora a dificil passagem do Cabo, sempre animado pela esperança do seu amor.*

NOTAS

Esse gigante cujo aspecto horrendo
Primeiro eu vi,...

Veja nota no fim do texto.

---

primeiro a seus amores
Corri o véu de interpostos seculos:

Segundo a magistral creação de Camões, Adamastor apaixonára-se por Tethis, esposa de Peleu e deusa do mar. (*Lusiadas*, Canto 5.º Est. 52 a 57).

... ousado sacrilegio
Com que os segredos seus vulguei na lyra,

Episodio dos *Lusiadas*, o *Adamastor*, que um critico literario francês disse ser:

... peut-être la plus hardie, la plus magnifique évocation que nous offre la poésie épique.

...., ouvi sem medo
Os amarellos dentes a ranger-lhe
Por entre os furacões d'atra procella.
Vi-o a esqualida barba, de despeito
Arrepellar-se, e a côr terrena e pallida
Ao clarão do relampago luzir-lhe
De sanguinosa cholera inflammada.

e nos *Lusiadas:*

.... uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos ancovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e palida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A bocca negra e os dentes amarellos.
(Canto V — Est. 39.ª)

*

Assunto da Estancia 5.ª — *Por toda a parte por onde errou acompanhou-o sempre a lembrança de Natercia.*

NOTA

A filha de Cyniras...

é como diz mais abaixo

A criminosa Myrrha.

Criminosa porque cometêra incesto com seu pae Cyniras, rei de Chypre, de quem houve Adonis. Por castigo foi transformada na arvore do seu nome, que abunda na Asia.

*

Assunto da Estancia 6.ª — *Elogio da gruta de Macau.*

Assunto da Estancia 7.ª — *O seu isolamento no mundo pela morte de Natercia.*

Com esta estancia termina a Canção.

Analisando-a vê-se claramente que é uma rapidissima biografia de Camões.

Assunto da Estancia 8.ª — *Camões entoava a Canção subindo a serra de Cintra e chorava sobre a grinalda.*

NOTAS

Na pedregosa encosta da montanha
Que os mouriscos torreões ainda corôam,

Veja nota no fim do texto.

Parecia
Que manso pelas auras suspirava
A internecida Ignez...

Ignez de Castro, amante e esposa clandestinamente de D. Pedro 1.º de Portugal, cuja morte barbara inspirou a Camões um bélo episodio.

Veja nota á estancia 21.ª, Canto 7.º

EUROTAS — Rio da Laconia que banha Esparta; os poetas helenicos cantaram-no.

*

Assunto da Estancia 9.ª — *Nascer do sol.*

NOTAS

A amena veiga,
Delicioso valle...

Collares, povoação proxima de Cintra.

... a quem de Tempe
Cede beldade e fama...

O vale de Tempe na Grecia, região da Thessalia, foi muito celebre na antiguidade pela sua beleza, que Virgilio cantou.

... aureos pomos reluzentes
Que á veloz Athalanta o pé ligeiro
Na apostada carreira retiveram,

Athalanta, filha d'um rei de Scyros, repudiava todos os pretendentes á sua mão porque nenhum era capaz de vencê-la na corrida. Permaneceu por isso longo tempo solteira.

Hypomenes para a vencer e portanto desposá-la serviu-se d'um artificio.

Três vezes Athalanta ia a passar-lhe á frente, três vezes o moço pretendente deixou cair um pomo d'oiro; Athalanta apanhava-o, demorando-se, e assim perdeu a aposta.

Na região de Collares abundam as laranjeiras.

Assunto da Estancia 10.ª—*Já dia claro e Cintra mostra-se magestosa de beleza (Abril).*

Assunto da Estancia 11.ª—*Elogio e recordações de Cintra* (Garrett).

Assunto da Estancia 12.ª—*Recordação do abandono dos compatriotas e benigno acolhimento dos estrangeiros* (Garrett).

Assunto da Estancia 13.ª—*Elogio de Cintra. Continuação.*

NOTAS

A' raiz do teu firme promontorio...

o Cabo da Roca.

Mas que prodigio tal novos trouxessem
Os seculos de Pyrrha...

E' sabido que Deucalião e sua mulher Pyrrha foram os unicos mortaes escapos ao Diluvio.

Do bardo mysterioso o eterno canto.

Veja nota no fim do texto.

Lord Byron *(bardo mysterioso)*, poeta inglês, natural de Londres, escreveu *Childe-Harold* e *Don Juan.*

O critico francês H. Taine disse ácêrca d'êle:

«Byron n'est point un arrangeur d'effets ou un faiseur de phrases. Il a vécu parmi les spectacles qu'il décrit; il a éprouvé les émotions qu'il raconte. Il a été poéte, mais à sa façon, façon étrange, semblable

à celle dont il a vécu. Il y avait en lui des tempêtes intérieures, des avalanches d'idées qui ne trouvaient d'issue que par l'écriture. Il n'invente pas, il observe; il ne crée pas, il transcrit. Sa copie est poussée au noir, mais c'est une copie. Il n'y a que des aveugles capables de ne pas voir en lui les sentiments de ses personages.»

A harpa sublime agora pendurada
Nos loiros do Pamyso, — onde um suspiro
De morte lhe quebrou a extrêma corda
Que Eleutheria divina lhe afinára—

Lord Byron morreu na Grecia em 1824, contando apenas 36 anos d'idade.

Pamyso—E' um rio da Messenia, no Peloponeso.

Eleutheria — E' a divinisação da liberdade entre os gregos.

... as cidades contendoras[1]
Pelo berço de Homero...

Varias cidades da Grecia, ilhas e Asia menor disputam gloria de ter sido berço de Homero. São Smyrna, Rhodes, Colophonia, Salamina, Chios ou Ios, Argos e Athenas.

A tradição representa Homero velho, cego e errando de cidade em cidade recitando os seus versos, isto é, faz dos seus poemas um grupo de composições oraes de va-

[1] Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem têm contendo peregrina,
Entre si Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina;
(Lusiadas—Canto VIII—Estancia 87.ª)

rios poetas ambulantes; todavia a unidade de plano e a simplicidade do estilo contestam essa afirmação. Homero póde ser representante realmente d'uma epoca literaria que coincída com a epoca fabulosa da Historia grega.

... em canção ultima
De moribundo cysne...

Os cysnes,
aves que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
(LUSIADAS—Canto IX—Estancia 24.ª)

no momento da morte soltam uns grítos estridentissimos em que se esgotam todas as suas forças.

Figuradamente o canto do cisne é a ultima composição d'um grande genio pouco antes de extinguir-se.

LEONIDAS — Leonidas, rei de Esparta, á frente de 300 homens conseguiu demorar a entrada do exercito de Xerxes, dois milhões d'homens. Sucumbiram todos a uma traição.

Lanças mil a ameaçam.

A Grecia, que existiu debaixo do jugo turco desde o seculo 15.º, revoltou-se contra a Turquia, que coagida pela França, Russia e Inglaterra (1827) teve de reconhecer a sua liberdade.

CRESCENTE — o pavilhão turco tem pintada uma lua naquéla fase.

HELLÊNO — ascendente mitico dos gregos.

Assunto da Estancia 14.ª — *Camões e o monge encontram-se; este avisa-o de ser aguardado pelo rei em audiencia para ouvir os «Lusiadas».*

Assunto da Estancia 15.ª — *Descem a serra.*

CANTO VI

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.

(LUSIADAS — Canto V— Estancia 93.ª)

Assunto do Canto 6.º — *D. Aleixo de Menezes a pedido do missionario fala muito elogiosamente dos «Lusiadas» ao rei a quem pretende convencer de que o cantor dos feitos d'um capitão não vale menos que esse capitão.* (Veja a citação acima).

Assunto da Estancia 1.ª — *Decadencia no reinado de D. Sebastião.*

NOTAS

nas mãos já debeis
De Joanne [1] começado a desdourar-se.

No reinado de D. João 3.º Portugal atingiu o maior auge de expansão colonisadora e de actividade literaria. Porém a introdução da Companhia de Jesus e do Tribunal da

[1] Forma aproximada do latim *joannes*.

Sentiu Joanne a affronta que passava
Nuno. .

(LUSIADAS — Canto IV—Estancia 36.ª)

Inquisição destruiram em parte tantas grandezas.

... outro Joanne
Que ensinou a ser rei os reis do mundo

D. João 2.º, o Principe Perfeito, o mais notavel dos reis absolutos. Tomou a divisa: *Pela lei e pela grei,* que sempre cumpriu.

... inexperto joven
Vergado a máus conselhos,

D. Sebastião, que alguns disséram poderia ter sido um grande rei, foi educado sob o influxo dos jesuitas que então reinavam em Portugal com a sua regalia de confessores dos reis.

Rodeado de moços fidalgos, que faziam da carreira das armas mais um luxo que uma necessidade da civilisação da época, o rei tornou-se ciumento de todos que alcançavam glorias militares.

Além d'isso, de muito novo o acompanhava a promessa intima de ser um apostolo, um sustentaculo do cristianismo e de espalhá-lo á força no vizinho imperio de Marrocos. Taes foram as indiretas razões que determináram a expedição ao norte d'Africa, desprezando os avisos dos poucos prudentes do seu conselho, mesmo de Aleixo de Menezes a quem o ligava particular estima e consideração. O resultado da jornada todos o sabem.

Lysia — Portugal.

Que de Alcacer nas torridas areias
Erros, crimes, traição lhe estão cavando.

D. João 3.º determinou o abandono de algumas praças ao norte d'Africa: Alcacer-Ceguer, Arzilla, Çafim e Azamor. Continuaram na posse dos portuguêses: Ceuta, Tanger e Mazagão.

*

Assunto da Estancia 2.ª — *Caracter de D. Sebastião.*

NOTAS

... já corrêra
A segar palmas na africana terra,

D. Sebastião passou em 1574 á Africa, onde fez varias correrias pelos campos de Ceuta e Tanger.

... africana terra
Que de nossas conquistas e victorias
Berço fatal ha sido e sepultura.

Veja nota no fim do texto.

... da fortuna a varia roda

Os antigos representavam a fortuna por uma mulher de olhos vendados, sobre uma roda girando sempre.

Syrthes — Existem no norte da Africa bancos d'areia movediços com este nome, que depois se generalisou.

Assunto da Estancia 3.ª —*Corrupção moral provocada pelo suborno do rei espanhol, pela Inquisição e pelos jesuitas.*

NOTAS

Do Escurial a onça refalsada
Os negros fios da ambição urdia.

Foi o oiro espanhol, muitissimo mais que a convicção, que creou adeptos do monarca estrangeiro.

Escurial — A duas leguas de Madrid na povoação Escurial admira-se um palacio e um mosteiro, mandados construir por Filipe 2.º em memoria da batalha de S. Quintino.

---

por mãos de vendidos conselheiros.

E' das paginas mais tristes da nossa historia e de mais vergonhosa recordação este periodo final da 2.ª dinastia.

Foram principalmente os nobres que defenderam a causa do usurpador, que os premiou generosamente; um d'esses corruptos foi depois governador do reino. O povo permaneceu fiel, salientando-se Phebo Moniz pela energia com que combateu a candidatura de Filipe 2.º

Impera o fanatismo, a hypocrisia:
No profanado altar, fogueiras, victimas,
Do Oriente ao Occidente lhes affummam
O incenso da cubiça...

O tribunal da Inquisição espalhou-se rapidamente em Portugal. Duas eram as principaes filiaes: Évora e Gôa.

Assunto da Estancia 4.ª—*Decadencia e quéda do reino.*

NOTAS

Do Tejo ao Zaire e do Amazonas ao Ganges

Do norte ao sul, do ocidente ao oriente.

O leão de Pyrene [1]

*

Assunto da Estancia 5.ª—*Honradez de D. Aleixo de Menezes.*

NOTAS

Dom Aleixo, estremado entre os mais nobres

D. Aleixo de Menezes, aio de D. Sebastião.

Veja nota no fim do texto.

De um Deus todo amor, todo humildade,
Que, sem commentadores, lhe amostravam
O Evangelho e a razão.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 6.ª — *O missionario na ausencia de Camões lê os «Lusiadas» e entusiasmado vae a Cintra falar d'êle a D. Aleixo de Menezes.*

NOTAS

Isaías — O primeiro dos quatro grandes profetas judeus.

[1] Espanha.

Canções de Smyrna e Mantua...

Canções de Homero e Virgilio.
Veja notas á estancia 13.ª, Canto 5.º
Virgilio era natural de Mantua.

Sobre os prantos de Dido verter lagrymas,

Dido é uma princeza fenicia lendaria, viuva de Sicheu. Perseguida por Pygmalião, seu cunhado, refugiou-se no norte d'Africa onde fundou Carthago. O seu verdadeiro nome é Elissa; Dido é epiteto que significa: fugitiva. Vergilio fá-la contemporanea de Eneas.

Uma tempestade arremessou a frota troiana ás costas da Lybia e Eneas, guiado por sua mãe Venus fala a Dido, que se enamora d'êle.

Quando Eneas parte, Dido mergulha-se na mais profunda das tristezas, de que morre.

... o remorso escrupuloso
Do eloquente Augustinho. .

O bispo d'Hippona, Santo Agostinho ao principio da sua vida entregára-se a dissipações e desregramentos. Um dia que se isolára num bosque ouviu dizer: *Tolle et lege* (toma e lê). E apareceu-lhe ûm livro *Epistolas*, de S. Paulo. Abriu-o ao acaso e leu a seguinte passagem:

Não passseis a vossa vida nos festins e prazeres da mesa... mas consagrae-vos a vosso

Senhor Jesus Christo e evitae satisfazer os desejos carnaes.

Não precisou ler mais. Instigado por aquêle simples conselho transformou-se completamente, abandonando a vida irregular de até então.

*

Assunto da Estancia 7.ª — *D. Aleixo fala do poema ao monarca.*

NOTAS

... o fundador primeiro d'essa gente
Romana....

Eneas, heroe da *Eneida* de Vergilio.

ACHILLES — Filho de Thetis e de Peleu, rei dos Myrmidões; o mais famoso dos heroes gregos imortalisados por Homero na *Iliada*. No cerco de Troia matou Heitor e foi atingido por um dardo de Paris num calcanhar, a sua unica parte vulneravel; morreu d'essa ferida.

Vêde Alexandre
Chorar de inveja, não pelos triumphos
Do filho de Peleu, mas pelos cantos
Que immortal o fizeram...

Veja a citação dos *Lusiadas* que precede o canto.

... vêde Augusto
Premios, favores, honras dispensando
A quem de Roma as honras celebrava.

O reinado de Augusto foi a época mais

brilhante da historia literaria romana e deixou vestigios em todas as literaturas. As letras, a poesia e a oratoria produziram obras primas, que são a mais alta expressão do genio latino. Nessa época, que a historia designou por *Seculo de Augusto*, floresceram entre muitos outros Horacio, Vergilio, Tito Livio, Sallustio e Ovidio.

Diniz pacifico

O reinado de D. Diniz foi efectivamente pacifico, porque as guerras intestinas ou melhor domesticas, eram imediatamente sufocadas pelo anjo de paz, a rainha Santa Izabel.

Joanne o justo...

D. João 2.º, o Principe Perfeito.

Garrett retrata muito fielmente nesta estancia o espirito de D. Sebastião.

*

Assunto da Estancia 8.ª — *D. Sebastião determina ouvir os Lusiadas.*

Assunto da Estancia 9.ª — *O missionario corre com a boa noticia ao encontro de Camões.*

CANTO VII

... Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valorosos,
Em verso divulgado numerosos...

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

(Versos das estancias 9 e 10. Canto I—*Lusiadas*).

Sintetisam o canto setimo cujo assunto é a leitura do poema a D. Sebastião.

*

Assunto da Estancia 1.ª— A alma enlevada
Nos romanticos sonhos, procurava
Aureas ficções realisar dos bardos.

NOTAS

Eu vi sobre as cumiadas das montanhas
D'Albion soberba as torres elevadas
Inda feudaes memorias recordando
Dos Brittões semibarbaros.

Os senhores feudaes viviam ordinariamente fóra das povoações, nos seus castelos. Eram em geral enormes edificios redondos ou quadrados que se erguiam sobre elevações, de fórma a serem vistos bem de longe, massiços, sem architetura, nem ornamentos, cortados apenas por algumas seteiras.

A ponte levadiça encobria, quando levantada, o portão do castelo. A torre, a parte de mais dificil acesso erguia-se geralmente no meio do edificio. Enormes subterraneos abriam saida ao longe para uma planicie ou para uma floresta.

As quatro primeiras estancias do canto setimo foram sugeridas ao poeta pelas reminiscencias d'uma visita ás ruinas do castelo de «Dudley» na Escocia, realisada poucos meses antes da composição do canto presente.

---

as aerias,
Vagas fórmas da virgem d'alvas roupas
Que, as tranças d'oiro penteando ao vento,
Canta as canções dos tempos que passaram
Ao som da harpa invisivel que lhe tangem
Os domados espiritos que a servem,
Como o subtil Ariel, por invisivel,
Incantado feitiço...

A *Noiva de Lammermoor* romance muito popular do escritor inglês Walter Scott, cujo assunto é muito semelhante ao da tragedia *Romeu e Julieta* de Shakespeare *(subtil Ariel).*

*

Assunto da Estancia 2.ª — *As aureas ficções dos vates não se realisaram.*

NOTAS

serica banda
Por mão furtiva de gentil donzella
Deitada em hora escusa ao cavalleiro
Que aventuras correr se vae ao oriente
E ganhar do infiel a Terra Sancta.

Uma das instituições mais curiosas e admiraveis pela generosidade dos seus intentos e mais digna de estudo pela importancia que adquiriu, na edade media, foi a cavalaria. Quasi exclusiva aos nobres e simultaneamente militar e religiosa, a cavalaria andante poz-se ao serviço dos fracos e da justiça. Correr mundo em defensão da fraqueza contra a prepotencia era a suma aspiração da época, justificavel pelo espirito aventureiro que precisava saciar-se. No escudo pintavam os cavaleiros a sua divisa ou o juramento d'eterna fidelidade á dama por quem iam á ventura ilustrar-se. As ordens de cavalaria cairam em desuso por desnecessarias e passaram a simples coletividades de honra logo que os infieis desapareceram da Europa, que eram os principaes inimigos alvejados, que as leis se regularisaram e que o espirito abandonou essa febre aventureira para se entregar a outras ocupações menos perigosas e mais produtivas.

E ganhar do infiel a Terra Sancta.

E' o facto culminante da edade media pelas consequencias importantissimas que trouxe, a duradoira cruzada ao Oriente para rehaver dos turcos os logares santos. Sem conseguir a libertação do Santo Sepulcro e importando a perda de grande parte da população da Europa, essa longa cruzada foi com tudo fertil em resultados d'ordem social. A industria, da armaria principalmente, desenvolveu-se, o comercio, animado pelas rela-

ções com a Asia, recebeu um grande impulso; a Europa viu-se desembaraçada d'um exercito de vagabundos e salteadores e finalmente os grandes senhores vendo-se obrigados a custear as enormes despezas da guerra, outorgaram os seus feudos aos vassalos.

Assim acabou o feudalismo, favorecendo-se involuntariamente a emancipação das comunas.

Não vi quadrigas de vistosas justas
Nas praças d'armas á lançada viva
Disputar-se o collar de oiro massiço,
Premio do vencedor, por mãos bem lindas
Ao peito ainda sangrento pendurado.

As justas ou torneios eram o esporte predileto na idade Media e ainda nos principios da edade moderna. Nos torneios os cavaleiros lutavam á lançada quando a cavalo e á espada quando a pé. O desafio fazia-se por cartel. Em Lisboa realisaram-se ainda ha bem poucos anos uns torneios simulados.

*

Assunto da Estancia 3.ª — *Continuação.*

Assunto da Estancia 4.ª — *Garrett termina as suas considerações para reatar o fio do poema.*

Assunto da Estancia 5.ª — *Introdução na narração do paço de Cintra, onde se passa a ação do canto 7.º*

NOTAS

Oh! Nobres paços da risonha Cintra,
Não sobre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla,

O paço de Cintra, vulgarmente chamado o paço da vila para o distinguir da Peninha. Veja nota no fim do texto.

JANIZAROS—guarda pessoal do sultão da Turquia, correspondente aos mamelucos do Egipto, aos *strelitz* da Russia e aos pretorianos do imperio romano.

Que precedido vae por debeis cannas.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 6.ª — *Espera-se a audiencia régia.*

Assunto da Estancia 7.ª — *Na sala onde se aguarda a hora da audiencia entram Camões e o monge.*

NOTAS

bem mostram
Quanto esteiras do paço os desconhecem,

Guia de Casados, D. Francisco Manuel de Mello

Qual em Delphos
Devotos peregrinos, quando os quicios
Do mysterioso limiar se movem,
E o oraculo—terrivel ou propicio ?—
Vae por obscuros carmes explicar-se.

Oraculos eram as respostas dos deuses dos pagãos por intermedio dos sacerdotes. Em Delphos era essa intermediaria a *pitia*, *pitonisa* ou *sibila*. Para proferir os seus ora-

culos a sibila, tendo jejuado por três dias, mastigava folhas de loureiro e possuida d'uma exaltação, provocada sem duvida pelo suco d'aquela planta, subia para um tripé colocado acima d'uma abertura d'onde se exalavam vapores mefiticos. Todo o seu corpo se agitava, os cabellos eriçavam-se e a sua boca espumante e convulsiva respondia ás perguntas que lhe dirgiam.

*

Assunto da Estancia 8.ª — *Audiencia breve.*

NOTA

, menetreis tangem

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 9.ª — *Fala de D. Sebastião ao epico.*

Assunto das Estancias 10.ª e 11.ª—*El-Rei e a côrte vão á «Penha-verde» para ouvir os «Lusiadas».*

NOTA

Penha-Verde....
.....
..... bosques onde o louro
Inda as glorias de Castro está c'roando,

A Quinta da *Penha-Verde* pertenceu a D. João de Castro e chamou-se no seu tempo da *Fonte d'El-rei.*

Asssunto da Estancia 12.ª — *Leitura do poema até ao fim da invocação.*

NOTAS

O heroico assumpto
Primeiro expõe do canto...

Proposição, *Lusiadas* canto 1.º, estancias 1 a 3.

Logo as Tagides musas invocando.

Invocação, *Lusiadas*, canto 1.º, estancias 4 e 5.

*

Assunto da estancia 13.ª — *Continuação: dedicatoria a D. Sebastião.*

(*Lusiadas*—Canto I, estancias 6.ª a 18.ª)

Assunto da Estancia 14.ª — *Continuação: principia a ação.*

NOTA

A musa Calliope presidia á composição das epopéas.

*

Assunto da Estancia 15.ª—*Continuação: Concilio dos deuses.*

(*Lusiadas*—Canto III, estancias 30.ª a 41.ª)

NOTAS

De Nysa o vencedor...

Bacho nascido em Nysa, segundo uma fabula, e conquistador de Nysa, segundo

outra. Na ficção de Camões é um inimigo tenaz dos portuguêses, seus rivaes no senhorio da India.

VENUS BELLA — A deusa do amor e da beleza, segundo o plano dos *Lusiadas*, foi a mais devotada protectora dos portuguêses, por estes falarem uma lingua filha da latina e terem propensões guerreiras como os romanos que descendiam de Eneas, seu filho.

JOVE — Jupiter, forma simplificada.

*

Assunto da Estancia 16.ª — *Continuação: Desde as traições dos moiros de Moçambique e Mombaça até á intervenção de Venus.*

(*Lusiadas*—Canto I, estancia 43.ª ao fim. Canto II, est. 41.ª)

NOTAS

Já surgindo na treda Moçambique,
Ao fementido mouro pune o Gama
Da perfida malicia.

Os moiros de Moçambique intentaram destruir a armada do Gama que os castigou.

Eis lá Mombaça
Onde falsos Sinons a engano o levam

Em Mombaça novas traições esperavam os portuguêses que miraculosamente se salvaram.

SINON — Sinon durante a guerra de Troia, fingindo-se perseguido dos seus, fugiu para os troianos. Estes, compadecidos e induzi-

dos pela sua falsa historia, concederam-lhes a vida e fizéram entrar na cidade o lendario cavalo, que foi a sua perdição.

Sinon significa em Literatura traidor.

Pelas artes do que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães.

Bacho representava-se sempre moço.

Terminou a gestação numa côxa de Jupiter, seu pae.

Erycina linda — Venus, mãe de Eryx.

Tu do velho Nereu, co'as alvas filhas,

Nereidas, ninfas do mar que auxiliaram Venus na salvação dos portuguêses de Mombaça.

Amathunta — Venus, assim chamada por ser adorada em Amathunta, cidade na ilha de Chypre.

Paphos — cidade na ilha de Chypre, onde existia um templo a Venus.

Gnido — antiga cidade na Asia menor, onde se adorava Venus.

Rosas de Paphos e jasmins de Gnido.
A namorada lyra lhe coroam.

Compare á estancia 37.ª, Canto II, *Lusiadas*.

Dione — Venus.

á sexta esphera
Segue enlevada.

Segundo o sistema planetario de Ptolomeu, o universo compunha-se de esferas concentricas no meio das quaes existia a terra:

1.ª	esfera	.....	Empireo
2.ª	»	.....	Mobil
3.ª	»	.....	Cristalino
4.ª	»	.....	Firmamento
5.ª	»	.....	Saturno
6.ª	»	.....	Jupiter
7.ª	»	.....	Marte
8.ª	»	.....	Sol
9.ª	»	.....	Venus
10.ª	»	.....	Mercurio
11.ª	»	.....	Lua

A diferença capital entre os sistemas de Ptolomeu e de Copernico era que o astronomo egipcio sustentava que a terra existia no centro dos outros planêtas, que se moviam em torno d'éla ao passo que o polaco, seguindo as idéas de Pythagoras (140 AC.) demonstrou que a terra tinha movimento proprio sobre o seu eixo e á roda do sol.

Que nem a Ticiano tão querido,
Tão gran' privado seu jámais abrira.

Os pintores italianos Ticiano, Giorgone e os Bellini foram os fundadores da escola Veneziana. Produziu esta escola excelentes pintores que imitaram a natureza com uma fidelidade encantadora.

Assunto da Estancia 17.ª — *Continuação: Venus.*

NOTAS

Praxiteles — grande esculptor grego cuja obra prima é a estatua de Venus.

Phidias — o mais notavel dos antigos esculptores gregos e autor do *Jupiter Olympico* e *Minerva.*

Canova — esculptor italiano, reformador da esculptura em Italia.

Pygmalião — Pygmalião apaixonou-se pela estatua de Galatéa, obra sua, com quem casou, depois de animada por Venus.

... olhos onde faz seu filho o ninho ?

Venus teve um filho de Marte, Cupido o deus do amor. Quando Cupido nasceu, Jupiter quiz fazê-lo matar, mas Venus conseguiu escondê-lo numa floresta onde as féras o amamentaram. D'ahi a tendencia ferina do deus que a todos fazia sofrer crueis penas d'amor. Cupido apaixonou-se por Psyche de quem Venus teve tantos ciumes que a matou. Jupiter porêm, cedendo ao pranto e á magua de Cupido, restituiu-lh'a e concedeu lhe a imortalidade. D'este consorcio nasceu Volupia, a deusa da voluptuosidade.

Vê-la diante do padre omnipotente
Como na sélva do Ida se amostrára
Ao mui feliz troiano ! ..

Nas bodas de Thetis e de Peleu a Discordia maguada por não ter sido convidada

para o banquete, lançou ao meio dos convivas um pomo d'oiro com a inscrição: *A' mais formosa*. Juno, Minerva e Venus disputaram entre si a posse do pomo e sobre proposta de Jupiter, escolheram Páris, troiano, para decidir a contenda. As contendoras ofereciam ao arbitro em troca da sentença favoravel, respectivamente a opulencia, a sabedoria e a mulher mais béla. Páris, entregou o pomo a Venus, que assim foi aclamada deusa da formosura.

Foi na selva do Ida, Asia Menor, que as deusas se mostraram nuas *ao mui feliz troiano.*

... que se a vira
Tal o que já por vista menos bella
Vulto humano perdeu, nunca seus galgos,
Barbara lei!—o houvéram devorado
Que primeiro desejos o acabaram.

Um dia que Diana se banhava, o caçador Acteon teve a felicidade de surprehendê-la, momentanea felicidade que muito cara lhe custou, porque a pudica Diana transformou-o em veado morrendo ás garras dos seus cães.

*

Assunto da Estancia 18.ª — *Continuação: Interferencia de Venus a favor dos portuguêses.*

NOTA

Não a viu tão bella
Graças pleitear pelo invejado pomo
O real pastor de Priamo.

Páris era filho de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba.

Assunto da Estancia 19.ª — *Continuação: Jupiter decide favoravelmente aos portuguêses, seduzido pela beleza provocante de Venus.*

Garrett escreveu um poemeto em quatro cantos *O retrato de Venus*, tendo por tema os amores de Venus e Adonis e um rapido bosquejo da Historia da pintura.

Na segunda parte d'este livro o analisamos.

*

Assunto da Estancia 20.ª — *Continuação: Chegada a Melinde; bom acolhimento; fala do Gama ao rei de Melinde até ao fim do reinado de D. Sebastião.*

NOTAS

já Melinde
Amigos braços lh'abre: já do Gama
Os lusitanos feitos recontados,
Terra e costumes são.

Fala do Gama ao rei de Melinde. *Lusiadas*, Cantos 3.º, 4.º e 5.º

O pastor que do ferrado conto
De seu cajado abate aguias romanas;

Viriato, pastor dos Herminios (Serra da Estrela) e chefe dos lusitanos, foi um obstaculo perserverante á invasão romana. Sucumbiu assasinado por dois subordinados seus, subornados pelos romanos.

Henrique o mauro jugo espedaçando;
E abrindo com sua espada triumphante
De Lysia o fundamento.

O conde D. Henrique em recompensa dos seus serviços na batalha de Zalaca casou com uma filha de Affonso 6.º de Leão, Castella e Galliza e governou dependentemente do seu primo Raymundo o condado portugalense. O condado era limitado ao sul pelo Douro, a léste abrangia parte da provincia de Tráz-os-Montes e terminava ao norte no Alto Minho.

Pouco depois Affonso 6.º deu a Henrique todo o territorio do Minho ao Tejo para administrar sob a sua direta dependencia. O conde D. Henrique faleceu em 1114 sem conseguir, apesar dos seus esforços, desmembrar da Espanha o seu condado. Foi comtudo um acerrimo cruzado no ocidente.

Ao filho illustre
Cabe gloria maior...

Foi efectivamente D. Affonso Henriques, o fundador da monarchía portuguêsa.

---

de c'roas cinco
No Ourique derrubadas, nova c'roa
A victoria lhe tece: e as sanctas Quinas
Por eterno brazão, dos céos recebe.
(Lusiadas—Canto III—Estancias 53.ª e 54.ª)

Diz a lenda que D. Affonso Henriques, tendo ganha a batalha de Ourique, tomou as quinas para insignia da nação, em memoria dos cinco reis vencidos.

De Egas Moniz a lealdade e a honra

A pedido e promessa de vassalagem por Egas Moniz, Affonso 7.º de Leão levantou o cerco de Guimarães e retirou-se. Recusando-se depois Affonso Henriques a cumprir a promessa de submissão, Egas Moniz, fiador d'essa promessa, foi a Leão oferecer, segundo a tradição, a sua vida e a de sua mulher e filhos como resgate da palavra não cumprida. O rei mandou-o incolume ao seu paiz.

Mais se estende
Sob o primeiro Sancho o novo reino
Pelos vencidos, torridos Algarves.

Em 1189 D. Sancho 1.º auxiliado por uma armada de cruzados, invadiu os dominios mouriscos de Alvor a Lagos. No mesmo ano, auxiliado por outra armada, D. Sancho 1.º conquistou Silves, Albufeira, Loulé, Faro, Cacella, Tavira. Em 1191 os sarracenos rehouveram estas conquistas.

Vem outro Afonso, o vencedor d'Alcacer,
Do moiro pertinaz exicio extremo.

Em 1812, um corpo de tropas portuguêsas enviado por D. Affonso 2.º ao sogro Affonso 7.º de Castella, tomou uma parte brilhante na victoria sobre os moiros nas Navas de Tolosa (Serra Morena)

Em 1217 os portuguêses, auxiliados por cruzados, conquistaram Alcacer do Sal, a

mais forte praça dos moiros no Alemtejo. Foram apenas estas as empresas militares no reinado de D. Affonso 2.º, d'onde se infere que não foi *do moiro pertinaz exicio extremo.*

Mas do segundo Sancho a molle inercia,

Senhor do poder aos 13 anos, D. Sancho 2.º não teve energia suficiente para evitar os abusos sempre crescentes das classes privilegiadas, que finalmente fundando-se em motivos ocasionaes depozéram-no.

... as redeas toma
O conde bolonhez.

D. Affonso 3.º, Conde de Bolonha, é que foi *do moiro pertinaz exicio extremo,* conquistando o Algarve em 1250 e 1251. Assim acabou o poder dos moiros no reino de Portugal.

Melhor sorte
Coube a Diniz, pacifico monarcha:
A's conquistas da espada deu cultura,
D'artes a ornou e innobreceu co'as lettras;
E ás formosas campinas do Mondego
Fez do Helicon descer as aureas musas.

D. Diniz foi um disvelado protetor da agricultura, das letras que honrou com as suas tróvas e com a fundação da Universidade, e das artes, principalmente a esculptura, que no seu tempo, refletindo o grande derramamento da agricultura, substitue a

antiga ornamentação geometrica pela ornamentação floral.

As suas composições poeticas correm impressas no Cancioneiro da Vaticana.

HELICON — monte da Beocia, consagrado ás musas.

*

Assunto da Estancia 21.ª — *Continuação: Reinado de D. Affonso 4.º — Morte de Ignez de Castro.*

NOTAS

Mal obediente o valoroso filho,

D. Affonso 4.º revoltou-se varias vezes contra seu pae, por ciume de D. Affonso Sanches, filho natural e muito querido de D. Diniz. A rainha Santa Isabel intervinha pacificadoramente.

Affonso, que nos campos de Toledo
As hostes granadís prostrou tremendas
Com pequeno poder.

A rogos de sua filha D. Maria, mulher de Affoso de Castella, D. Affonso 4.º socorreu o genro e foi á batalha do Salado onde se cobriu de gloria e prestigio, ainda augmentados pela sua isenção nos despojos.

(*Lusiadas*—Canto III, est. 99.ª a 117.ª)

á bellissima Ignez deu morte injusta.

D. Ignez de Castro, *colo de garça*, como lhe chamavam pela sua peregrina formosu-

ra, passou a Portugal no sequito da infanta D. Constança, depois mulher de D. Pedro 1.º

D. Pedro e D. Ignez viram e amaram-se arrebatadamente. Os amores foram progredindo e D. Constança, sabedora, tentou mesmo opor-lhes um obstaculo religioso, para o que convidou D. Ignez para madrinha do seu primeiro filho. D. Constança morreu do parto do segundo filho, D. Fernando depois rei. E assim se entregáram livremente á sua paixão. Parece até que se casaram clandestinamente.

Os fidalgos da Côrte de D. Affonso 4.º, prevendo que D. Pedro preferiria para seu sucessor um filho do amor, isto é, de Ignez de Castro, a um filho de uma convenção imposta pela politica; receando ainda, em face da proteção que o infante dispensava aos irmãos de D. Ignez, que a poderosa familia dos Castros viesse a exercer influencia na politica do futuro rei e que o seu valimento fosse altamente prejudicado, senão anulado, aconselharam ao rei a morte de D. Ignez. O rei consentiu, muito instádo. E os assassinos, receando mudança de opinião da parte de D. Affonso 4.º, apressaram-se a comprir a sentença fatal em Coimbra, 1355, na ausencia de D. Pedro.

O infante, quando soube a horrivel nova, endoideceu. Tendo recuperádo a razão, lembrou-se da vingança por saciár e aparelhou um exercito contra o pae. A mãe, D. Beatriz, propoz o mutuo esquecimento das ofensas. A primeira condição que impoz ao filho foi o perdão para os algozes, condição que êle subscreveu. Porêm, uma vez rei, nego-

ciou com Pedro de Castella, a extradição dos assassinos refugiados e castigou-os horrorosamente. Apenas um escapou, avisado por um mendigo.

A morte de D. Ignez abalou fundamente a razão de D. Pedro, que quando rei foi verdadeiramente inexoravel e ás vezes excessivamente rigoroso para os crimes de amôr. Todos sabem do caso do bispo do Porto, que êle açoitou no paço episcopal por dormir com uma mulhér casada. Com este assunto escreveu Garrett um romance, *O arco de Sant'Anna.*

O cunho melancolico e poetico d'estes amores; a fama da formosura de D. Ignez de Castro; a sua morte requintadamente barbara; a influencia d'esta no espirito de D. Pedro 1.º; e as lendas que logo começaram a vogar pormenorisando o episodio, têm sugerido em todas as epocas a idéa de o desenvolver em composições literarias. Já no seculo 15.º, Garcia de Rezende, no Cancioneiro Geral, conhecido pelo seu nome, inseriu umas trovas originaes suas á morte de D. Ignez, que são das melheres e mais bélas da massuda coleção. Podem mesmo ser consideradas como digno prenuncio do brilhante episodio que Camões depois, nos seus *Lusiadas*, lhe sagrou e que é a mais béla coroação da desditosa amante. (*Lusiadas*, Canto 3.º, Estancias 118.ª a 136.ª). Alêm das citadas, as principaes composições em lingua portuguêsa são: as tragedias *Castro*, de Antonio Ferreira, no seculo 16.º; e *Segunda Castro*, de Domingos dos Reis Quita; e *Nova Castro*, de João Baptista Gomes, no seculo 18.º;

Canção á morte d'Ignez de Castro, por Manuel Maria Barbosa du Bocage, no seculo 18.º tambem; *Saudades de Ignez de Castro*, de Manuel de Azevedo, no seculo 17.º; e modernamente, *Ignez de Castro*, drama de Maximiliano de Azevedo; *Ignez de Castro*, drama de Julio Castilho, seguido de uma resenha das composições sobre o mesmo tema.

E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ardente,
Os lamentos d'Ignez repete a lyra.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto das Estancias 22.ª 23.ª e 24.ª — *Morte de Ignez de Castro.*

NOTA

... lagrymas formosas derramastes,
E, por memoria, em fonte convertidas,
O nome lhe puzestes, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram;

Existe em Coimbra, na quinta das lagrium logar delicioso de beleza, impregnado de tristeza e de saudade, a Fonte dos Amores. Sob uns cedros gigantescos, que a tradição diz terem assistido aos amores de Ignez, brota uma fonte junto da qual a mesma tradição afirma ter chorado a amante de D. Pedro. O infante confiava as cartas ás aguas da Fonte dos Amores, d'onde um barquito de cortiça as levava por um aqueducto ao paço de D. Ignez.

Em baixo, crescendo d'entre as pedras,

flutuam umas plantas aquaticas similhantes a cabelos loiros: são os cabelos doirados d'Ignez. E ao fundo divisam-se manchas vermelhas: é o sangue que repuxou do colo rasgado pelo punhal cobarde.

Foi Camões o creador da formosissima lenda, consagrada por Faria e Sousa e pelo facto de um cedro, derrubado por um furacão em 1838, ter entalhado no tronco o verso: «Eu dei sombra a Ignez formosa.»

Junto da fonte, inscrita em pedra, lê-se a seguinte estancia dos *Lusiadas:*

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando murmuraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poséram, que inda dura,
Dos amores d'Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as-flôres,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores!

(Canto III—Estancia 135.ª)

CANTO VIII

Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

(LUSIADAS — Canto I — Estancia 1.ª)

Assunto do Canto 8.º — *Continuação da leitura da epopéa, interrompida por instantes para se tomar leve refeição.*

Assunto da Estancia 1.ª — *Impressão da leitura da epopéa nos circumstantes.*

NOTAS

MAVORTE: Marte, forma tirada dos casos obliquos em latim.

Porque te escondes
Na toga consular o vulto austero,
Libertador de Roma?

Caio Julio Cesar debatia-se no senado com os seus agressores, quando viu erguer-se um punhal. Olhou e reconheceu Bruto.

Então cessando de defender-se, cobriu o rosto com a toga e proferiu as memoraveis palavras: *Tu quoque, fili mi? Tambem tu, filho meu?*

Assunto da Estancia 2.ª — *Todos aplaudem e o rei promete-se exceder tudo quanto os «Lusiadas» cantam.*

Assunto da Estancia 3.ª — *O rei e a comitiva tomam leve refeição.*

NOTAS

... amplas jarras
De louçan, transparente porçolana
Raro producto do Chinez longinquo,

Veja-se nota no fim do texto.

---

sulphureas
Lagrymas de Parthenope.

Lacrymachristi, vinho afamado da região do Vesuvio (Italia).

*

Assunto da Estancia 4.ª — *Prosegue a leitura: casamento de D. Fernando, seu governo e guerra com Castella.*

NOTAS

Diz-lhe de Fernando
Os amores adulteros, e o tibio,
Frouxo governo que indefêso o reino
Deixa ao furor imigo castelhano,
E de total destruição em p'rigo:

D. Fernando é dos reis de Portugal o peor julgado.

Todos conhecem D. Fernando, mas apenas o D. Fernando das intrigas palacianas,

o amante da Leonor Telles, o joguete da adultera, o máu cumpridor de tratados e o espirito froixo, indeciso, acobardado até ante as invasões dos castelhanos. Mas D. Fernando podia ter sido um grande rei. Provou-o. O mesmo se diz de D. Sebastião, mas se realmente, essa asserção é verdadeira, foi presciencia. Com D. Fernando não sucedeu tal. Podia ser um grande rei se a perversidade e crueza insaciavel da amante o não embaraçassem no caminho da justiça e da prudencia. E provou-o. Não é aventurar uma proposição; é deduzi-la. Nas guerras com Castella, no procedimento com os inimigos do casamento adultero, na rotura dos tratados, D. Fernando foi tibio e andou mal porque em todos esses acontecimentos Leonor Telles era interessada ou sua filha D. Beatriz. Não era D. Fernando que obrava, era Leonor Telles que o guiava segundo os ditames dos seus odios e das suas cégas ambições.

A causa unica de tantas imprudencias e de tantos erros foi a nefasta influencia da amante no espirito do rei, sensivel ás suas beldades e caricias mais do que um rei deve sê-lo.

Nas providencias decretadas sobre agricultura e marinha em que o espirito do monarca se patenteia como era, quando liberto de Leonor Telles, que não via nélas grandes probabilidades de cevar o seu odio, D. Fernando bem claro mostra que não era o inhabil que a critica parcial o tem proclamado. Não seria um rei guerreiro, o que não desmerecia, porque pacifico foi D. Diniz e bem

glorioso o seu reinado, mas tinha qualidades para um grande legislador. Menos fez em proveito da agricultura, primeira e principal fonte de progresso d'uma nação, e da marinha D. Diniz e comtudo a historia exalta-o como o mais notavel rei da 1.ª dinastia. Porquê? Porque o nome de D. Fernando sugere-nos imediatamente um D. Fernando, o formoso, captivo de Leonor Telles, origem de tantas adversidades que victimaram o paiz. Mas D. Fernando, legislador cauto e previdente, desenvolvendo por todos os meios, que ainda hoje se imitam, a agricultura e a marinha, preparando uma esquadra numerosa e bem aparelhada, que anos depois o infante D. Henrique aproveitava para iniciar esse movimento de expansão maritima, que nos levou a todo mundo conhecido e desconhecido, convertendo em artifices prestantes e marinheiros destemidos os timidos ascetas, os vagabundos e os mendigos; esse só existe na mente de alguns criticos menos parciaes. O que dizemos não visa a proclamar D. Fernando um grande rei; podia sê-lo. Circunstancias acidentaes obstáram, comtudo esse rei deixou na historia do seu reinado vestigios, que reabilitam de certo modo as muitas paginas negras d'aquéla. Não éra o homem absolutamente inaproveitavel que todos estão acostumados a considerar. Faça-se justiça.

Assunto da Estancia 5.ª — *Continua a leitura: Aclamação de D. João 1.º*

NOTAS

Mas do lethargo vil em que o prostraram,
A' voz de Nuno o portuguez acorda.

D. Nuno nas côrtes de Coimbra, juntando o seu prestigio á eloquencia de João das Regras, contribuiu poderosamente para a eleição de D. João 1.º

Embalde o poder todo de Castella,
Por sustentar Beatriz, feroz se apresta.

Os portuguêses não aceitáram a candidatura de D. Beatriz á corôa não só por ser casada com um rei estrangeiro e portanto estrangeira tambem, mas ainda por não considerarem válido o segundo casamento de Leonor Telles em vida de João Lourenço da Cunha.

*

Assumto da Estancia 6.ª — *Continuação: Aljubarrota.*

NOTAS

ALJUBABROTA — Nenhuma das victorias de Nuno envolve a sua memoria d'um prestigio mais glorioso, quasi lendario, que o d'esta.

A batalha d'Aljubarrota, esplendorosa revelação do sentimento nacional, a canonisação do seu heroe, o Cid português, e o ciclo de cantigas populares que se formou em volta do seu nome, são as mais fortes manifestações da classe popular que começava

de constituir-se solidamente. Entre outras corria a seguinte cantiga:

O santo Condestabre
En o seu mosteiro
Dá-nos sua sôpa
Mail-a sua roupa;
Mail-o seu dinheiro.

Lusiadas, canto 4.º, estancia 30.ª a 44.ª

SANT'IAGO E S. JORGE — grito de guerra dos portuguêses. Sant'Iago era simultaneamente advogado dos exercitos portuguêses e espanhoes; S. Jorge dos portuguêses e ingleses, então recentemente aliados.

*

Assunto da Estancia 7.ª — *Continuação: Conquista de Ceuta e martirio de D. Fernando.*

NOTAS

E a triumphada Ceuta abre suas portas
Aos infantes magnanimos.

A conquista de Ceuta inaugura em 1415 a expansão colonial e maritima portuguêsa. Néla tomaram parte os infantes.

Veja os *Infantes em Ceuta*, drama lirico em um acto de Herculano (volume *Poesias*).

Mas cara
Custa a victoria; vês o novo Regulo
Só pelo amor da patria está passando
A vida, de senhora feita escrava:
Fernando expira em tenebrosos carceres.

Veja nota no texto aos versos do Canto 3.º

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.

*

Assunto da Estancia 8.ª—*Continuação*: *Os filhos de D. João 1.º*

NOTAS

Glorioso João, foi teu reinado
Alto começo á lusitana historia
Que, do extremo occidente, a longes terras,
A mundos novos, máres não sabidos
Triumphante correu.

Terminada a primeira dinastia, que, póde dizer-se, foi um longo periodo de constituição, a nação afirmando-se sólidamente constituida por Aljubarrota, pela criação d'um heroe santo seu e pela aurora d'uma literatura popular propria, começou expandindo-se. O advento de D. João 1.º marca pois o começo da historia d'um povo definitivamente constituido, com o seu sentimento nacional.

—

—Jamais no mundo,
Se viu throno real assim rodear-se
De generosa prole.

E em Camões:

Inclita geração, altos infantes!

Foi um modêlo de honestidade e boas virtudes a côrte de D. João 1.º Os infantes seus filhos são figuras preeminentes no começo da dinastia de Aviz, educados sabiamente pela rainha D. Filipa de Lencastre.

— Henrique o grande;
O sabio Henrique, o protector philosopho
Das sciencias que honrou...

Veja notas á Estancia 6.ª, Canto 4.º

Fernando, o sancto
Martyr da patria;

Veja nota no fim do texto, canto 3.º, estancia 11.ª, versos:

Veneranda Ceuta, insigne preço
De sangue regio e d'um martyrio illustre.

Pedro, o virtuoso,
Legislador e justo;

O celebre duque de Coimbra, regente na menoridade do rei seu sobrinho, D. Affonso 5.º

João, o austéro

Principe ilustradissimo, muito conhecido pelas suas viagens, mestre da ordem de Sant'Iago.

E Duarte, o pacifico, o piedoso
Que tão breve reinou.

O primogenito, rei de Portugal de 1433 a 1438.

Assunto da Estancia 9.ª — *Continuação: D. Affonso 5.º e D. João 2.º*

NOTAS

Tenro innocente
Vestiu manto real o quinto Affonso:

D. Affonso 5.º foi aclamado com seis anos de idade, ficando o reino sob a regencia de D. Pedro, seu tio.

Ingrato e feio
Caso, digno das torres de Byzancio,
Viram de Alfarrobeira infames plainos
Rôxos de sangue das civis discordias.

Nesta estancia Garrett afasta-se do plano dos *Lusiadas*, a cuja leitura estamos assistindo, segundo a idéa do autor. Camões na sua fala do Gama ao rei de Melinde só regista factos que calassem bem no animo dos moiros e incutissem respeito pela nação portuguêsa. A batalha d'Alfarrobeira não é episodio que lustre. Esta parte da estancia é pois uma simples consideração do autor.

Byzancio — antigo nome de Constantinopla.

Esse appellido insigne que has tomado
Ao destruidor da desleal Carthago,

D. Affonso 5.º mereceu pelas suas conquistas ao norte d'Africa o titulo de *Africano*, por que é conhecido Scipião, vencedor de Annibal em Zama (202 AC.). O destruidor foi Scipião Emilio em 146 (AC.)

valor que Toro que inda pregoa,

Na batalha de Tôro em que D. Affonso 5.º foi derrotado, D. João 2.º, então principe, ficou victorioso.

Por domadas regiões, arados máres,
Descubertos cabos,

No reinado de D. João 2.º realisaram-se os seguintes descobrimentos:

1481–82 — Diogo de Azambuja funda a povoação e castelo de S. Jorge da Mina.

1482–85 — Diogo Cão descobre o rio Zaire ou Congo e o reino do Congo; explora a costa africana até 22º austraes.

D. João 2.º intitula-se *Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquêm e Além mar em Africa, senhor da Guiné.*

1486 — João Affonso de Aveiro descobre o reino de Bénin, na Guiné. — Bartholomeu Dias descobre e dobra o cabo da Boa Esperança e chega na costa oriental de Africa até ao rio Infante.

1487 — João Peres da Covilhã e Affonso de Paiva vão por terra á Abyssinia e India.

1491 — Os portuguêses fundam no Congo a primeira egreja cristã.

1493 — Povoa-se a ilha de S. Thomé.

— esperanças
De futuras riquezas e conquistas:

Até 1497 todas as descobertas e actividade maritima dos portuguêses visavam a

chegada da India. Uma vez realisado esse sonho, o movimento derivou para o Novo Mundo.

Eu só coroarei teu sacro busto
Com a civica folha immarcessivel
Do carvalho, mais nobre e mais glorioso
Que o louro dos heroes.

O carvalho simbolisa a justiça porque era com uma vara desta madeira que entre os romanos os juizes bastonavam os réus.

Sanguineas gottas
Mancham sempre a grinalda das victorias;
E o clamor da viuva, o grito do orpham
Quebra a harmonia dos clarins da fama:

Novamente Garrett regista um facto historico que Camões, conhecendo-o, não incluiu na fala do Gama: a morte de alguns grandes altos barões no tempo de D. João 2.º

Veja nota 2.ª, á estancia 9.ª

CLARINS DA FAMA — os pagãos representavam a fama por uma mulher com azas e embocando uma trombeta.

E esquecido o tenaz republicano
De Brutos e Catões, ajoelha ao sceptro.

Os Brutos e Catões, personagens historicos, ficáram como simbolo de republicanos intransigentes, sacrificando tudo ás suas idéas, até a propria vida, os mais caros afectos. O primeiro Bruto (Lucio) condemnou seus filhos á morte por terem tentado res-

tabelecer os Tarquinios que êle depuzéra, instituindo a republica. O proprio pae assistiu á execução da sua sentença.

O segundo Bruto (Marco) matou seu pae adoptivo Caio Julio Cesar e vendo-se vendo-se vencido na batalha de Philippos lançou-se sobre a espada proferindo as memoraveis palavras: *Virtude! Não és mais que uma palavra!*

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração ?
És a blasphemia de Bruto :
Não és mais que um nome vão !
JOÃO DE DEUS.

O primeiro Catão (o censor) foi republicano convicto e inimigo declarado de Carthago que condemnou no senado: *Ceterum censeo Carthaginem esse delendam. —De resto penso que Carthago deve ser destruida.*

O segundo Catão (d'Utica): defendeu a liberdade contra Cesar e suicidou-se depois da sua derrota em Thapso.

—Este fez explorar d'Aurora os berços
Com baldados trabalhos,—que essa dita
Ao feliz Manuel o céu guardava.

D. João 2.º morreu em 1495, tres anos antes da descoberta da India, para que êle deixou todos os elementos precisos. Casualmente D. Manuel desfrutou essa gloria.

Assunto da Estancia 10.ª — *Continuação: Sonho de D. Manuel e passagem do Cabo.*

NOTAS

O sonho mysterioso
Do venerando Ganges, do rei Indo
Que ao ditoso monarcha, ao romper d'alva,
Em visão bemfadada appareceram.

Ficção de Camões, *Lusiadas,* Canto 4.º, est. 67.ª a 75.ª

---

e o temeroso,
Namorado gigante em dura terra
Por seus atrevimentos convertido,
E, por dobradas maguas, rodeado
De Thetis formosissima que amava;

Adamastor, *Lusiadas*, Canto 5.º, Est. 37.ª a 60.ª

Thetis, amada do gigante, era deusa do mar.

*

Assunto da Estancia 11.ª — *Continuação: Termina a fala do Gama.*

Assunto da Estancia 12.ª — *Continuação: Chegada á India e partida, apesar das traições dos moiros e da detenção do capitão.*

Assunto da Estancia 13.ª — *Continuação: Ilha dos Amores.*

Lusiadas, canto 9.º

NOTAS

—Eis vês a filha das ceruleas ondas,
A bella Venus,...

Os pagãos faziam Venus filha ora de Dion, ninfa maritima, ora da espuma do mar.

Modernamente um sabio francês René Quinton procurou explicar scientificamente o mito de Venus, nascida no mar, afirmando ter sido no mar que a celula animal apareceu no seu estado mais rudimentar.

... vecejantes
Relvas em que o primor de seus matizes
Esmerou Flora, e lh'as bordou mais lindas
Que o proprio leito onde com doces beijos
Zephyro lhe mitiga o ardor da sésta;

Flora era a deusa das flores e da primavera. Representavam-na por uma béla figura de mulher, moça e gentil, coroada de rosas. Era seu esposo Zephyro, vento suave e fagueiro que longe de esfolhar as flores refrescava-as do *ardor da sésta*.

Dríades — ninfas tuteláres dos bosques.

Pomona — protetora das frutas.

Pelo travesso filho assetteadas,

Cupido tinha por armas uma aljava e um arco.

*

Assunto da Estancia 14.ª — *Continuação*: *Ilha dos Amores*.

Assunto da Estancia 15.ª — *Continuação: Canto da ninfa.*

NOTA

Harpa sublime que n'altura sôas
Das cumiadas da gloria, harpa que os hymnos
Fatidicos...

Nos *Lusiadas* supõe Camões que uma ninfa, acompanhada d'uma musica deliciosa, vaticina aos portuguêses os heroismos que cometeriam no Oriente.

*

Assunto da estancia 16.ª—*Continuação: O canto da ninfa; Pacheco.*

Assunto da Estancia 17.ª—*Continuação: O canto da ninfa; Almeida.*

NOTAS

Almeida (D. Francisco d') — 1.º vice-rei da India. Assistiu á batalha de Toro, acompanhou D. Affonso 5.º á côrte de Luis 11.º de França, tomou parte brilhantissima na tomada de Granada e recusou todas as recompensas que os reis catolicos quiseram conferir-lhe. Em 1493 D. João 2.º nomeou-o comandante na armada, que tencionou mandar á America para embargar os progressos dos descobrimentos dos espanhoes. Em 1505, partiu para a India com seu filho D. Lourenço, governou com toda a isenção como administrador e com toda a valentia como guerreiro. Rendeu Quiloa, Mombaça, Panane e Dabul. Levantou fortalezas em

Angediva, Cananor, Sofala, Calicut e Cochim; descobriu as ilhas Maldivas. Fez tributarios os reis de Ceilão e Batecalá; destroçou a formidavel armada do Soldão do Egipto; venceu os arabes, os persas e os moiros em batalhas tão assignaladas que toda a Asia tremeu de assombro e respeito pelos portuguêses. Apesar do direito concedido por D. Manuel, nunca tomou despojos alguns. A morte de seu filho em Chaul modificou profundamente o seu genio e deu causa á celebre batalha dos Rumes nas aguas de Diu (1509).

Esta façanha fechou brilhantemente o seu governo. Vindo em viagem para o reino, na Aguada do Saldanha (Africa) os portuguêses desembarcaram para se aprovisionarem, mas sendo hostilisados pelos cafres, travou-se uma escaramuça em que D. Francisco foi morto. Os reis catolicos deitaram luto de pessoa real. Depois de Affonso d'Albuquerque, seu successor e antagonista, é D. Francisco a figura mais brilhante da nossa epopéa na India. Subordinou todas as suas conquistas ao plano que definiu a D. Manuel por estas palavras: «Saiba certo que emquanto no mar fôrdes poderoso tereis a India por vossa e se isto não tiverdes no mar pouco vos prestará fortaleza na terra» (1450-1510).

A morte de D. Lourenço, seu filho, e a influencia d'esta no seu espirito, descreveu-as Pinheiro Chagas no romance historico, tão conhecido, *A Joia do vice-rei.*

...seus ossos
Não lh'os possuirás, ingrata patria.

Scipião á hora da morte, em Literna para onde fôra exilado, pronunciou e pediu para gravarem no seu tumulo a inscrição: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.—Ingrata patria, não possuirás os meus ossos.*

*

Assunto da Estancia 18.ª—*Continuação: Canto da ninfa*; *Albuquerque.*

NOTA

ALBUQUERQUE (AFFONSO D') — O maior guerreiro português e um dos maiores do mundo, segundo governador da India. Muito novo ainda distinguiu-se na armada enviada por D. Affonso 5.º, a Otranto, em auxilio do rei de Napoles. Esteve em Arzilla d'onde voltou para tomar posse do cargo de estribeiro-mór de D. João 2.º

Em 1489 fundou junto de Larache a vila fortificada *Graciosa* e derrotou o rei de Fez. Em 1503, reinando D. Manuel, foi á India fundár uma fortaleaa em Cochim, desempenhando-se exemplarmente da sua comissão. Voltou ao reino em 1504 sendo muito bem recebido. Tendo D. Manuel resolvido fundar um imperio na Asia e já nomeado seu vice-rei a D. Francisco d'Almeida, Affonso d'Albuquerque partiu para a India sobre as ordens de Tristão da Cunha e comandando 6 navios com 400 homens. Não podia suportar o mando de ninguem pelo que se separou em Moçambique de Tristão da

Cunha. Durante o vice-reinado de D. Francisco tomou Ormuz, chave do golfo Persico e emporio do comercio do Oriente com as caravanas da Syria e com os portos do Mediterraneo, avassalando no trajecto os estados de Calayate, Mascate, Curiate, Sokhar e Orçafate. Descontentes, os capitães insubordináram-se e queixáram-se a D. Francisco da céga obediencia e esforços sobrehumanos que Albuquerque lhes exigia.

Ordenou o vice rei uma devassa que confirmou as queixas. Entretanto chegavam de Lisboa cartas e a nomeação de Albuquerque para governador geral, pelo que este foi a Cananor exigir de D. Francisco a entrega imediata, do governo, apesar de ainda não ser findo o terceiro ano, ultimo do seu vice-reinado. Vendo os capitães revoltosos livres e impunes, exasperou-se e reiterou as suas exigencias, acrescentadas pela da chefia da expedição contra os Rumes. O vice-rei prendeu-o e foi a Diu; derrotou epicamente os Rumes e retirou-se para Lisboa.

De posse do governo, aprestou uma forte armada e conquistou: Calicut, Brama, Melindre, Benasterim, Lauro, Malabar, Ilhas de Camarão, Queixome e Pangim ou Nova Gôa. Derrotou as esquadras de Méca, Adem e Ormuz. Gôa entregou-se-lhe sem resistencia. As conquistas de Adem e Malaca completam a realisação do seu plano. Em Lisboa as intrigas miná ram a gloria imensa do heroe e D. Manuel, cedendo-lhes, nomeou, para substitui-lo, Lopo Soares de Albergaria, inimigo do grande capitão.

Albuquerque, que estava doente, ao sa-

ber da mesquinha ação de D. Manuel peorou e pediu que o transportassem para Gôa, onde morreu. Momentos antes ditou uma carta para D. Manuel recomendando-lhe um filho que tinha no reino, Bráz.

*

Assunto da Estancia 19.ª — *Continuação: Canto da ninfa; Albergaria.*

NOTAS

ALBERGARIA (LOPO SOARES D') — 3.º governador da India. Bombardeou Calicut, derrotou os exercitos do Samorim de Cranganor, incendiou a cidade de Zeila na Ethiopia, e fundou a fortaleza de Colombo em Ceilão. Foi nomeado governador não tanto pelos seus meritos como para ofender Albuquerque.

MECA — Cidade da Arabia, patria de Mahomet.

ABASSIA — Região da Africa, banhada pelo Mar Vermelho.

TAPROBANA — Ceylão.

*

Assunto da Estancia 20.ª — *Continuação: Canto da ninfa; Sequeira, Menezes, Heitor da Silveira, Nuno da Cunha e D. João de Castro.*

NOTAS

DIOGO LOPES DE SEQUE'RA — Governador da India em 1578.

Subiu pelo Mar Vermelho, até ao Egipto.

OS DOIS MENEZES — Duarte de Menezes

que foi antes governador de Tanger e Henrique de Menezes.

Mascarenhas (D. Pedro de)—Foi nomeado para succeder a Henrique de Menezes, mas, achando-se como governador em Malaca, gastaria muitos meses para liquidar o seu governo e chegar á India, circumstancia por que Lopo Vaz de Sampaio lhe usurpou o poder.

Heitor—Heitor da Silveira que desbaratou os Guzerates.

Baçaim se intrega
Ao Cunha illustre.

D. Nuno da Cunha fortificou Chale e tomou Baçaim.

...Ergue os altos muros
Sousa da insigne Diu ;...

Martim Affonso de Sousa fortificou Diu, tomou Repelim que depois incendiou.

Castro (D. João de) — 14.º governador da India. Foi primorosamente educado com o infante D. Luís, mercê dos seus habilissimos professores, entre os quaes Pedro Nunes. Aos 18 anos partiu para Tanger onde se portou denodadamente, o que lhe mereceu a honra de ser armado cavaleiro por D. Duarte de Menezes, governador da praça. Em 1535 foi a Tunis na armada que D. João 3.º enviou em auxilio de Carlos 5.º O imperador admirando o valor de D. João de Castro quiz nomeá-lo cavaleiro, honra

que o futuro heroe da India regeitou por ter sido armado em Tanger. Regeitou tambem uma avultada fortuna com que Carlos 5.º queria recompensá-lo.

Na sua primeira estada da India fez uma viagem muito notavel a Suez, como comandante d'um galeão, de que fez um minucioso roteiro que dedicou ao infante D. Luís. De volta a Portugal em 1543 foi nomeado comandante da armada costeira, que ia esperar as naus que vinham da India e comboiá-las até á barra. Na sua primeira saída desbaratou sete navios piratas. Em 1545 partiu para a India, já nomeado governador.

Derrotou o Hidalcão por não querer entregar um prisioneiro; libertou Diu do cêrco de Coge-Çofar; novamente derrotou o Hidalcão e tomou Bardez e Salsete. Curto foi o seu governo, três anos, que com as suas fadigas o envelheceram aos 48 anos. Em 1548 expirou nos braços de S. Francisco Xavier.

Veja a nota relativa a D. João de Castro, Canto 3.º, Estancia 17.ª

*

Assunto da Estancia 21.ª — *Continuação: Termina o canto da ninfa. Descrição do do universo por Thetis ao Gama.*
Lusiadas, canto 10.º, estancias 75.ª a 141.ª

NOTAS

Diga Urania bella aos seus valídos
Que segredo lhe disse das espheras
Da vastidão dos orbes, do mysterio
Da creação inteira:

Segundo a fantasia de Camões, Thetis, terminado o banquete e o canto da ninfa, conduz os portuguêses a um monte onde lhes mostra a composição do universo.

Veja nota 12.ª, estancia 16.ª, canto 7.º

URANÍA — Musa da astronomia.

*

Assunto da Estancia 22.ª—*Termina a leitura do poema: Regresso da armada ao Tejo.*

CANTO IX

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que amor arma brandamente?
(LUSIADAS—Canto III—Estancia 142.ª)

Versos d'uma estancia referente aos amores de D. Fernando com Leonor Telles e que sintitisa o canto 9.º, onde se descreve a entrevista aprazada, (canto 4.º, estancia 1.ª) em cumprimento d'uma ultuma recordação de Natercia. O canto 9.º trata pois ainda dos amores de Camões; d'ahi o perfeito cabimento da citação.

*

Assunto da Estancia 1.ª — *Impressão que produziu no animo de todos a leitura dos «Lusiadas».*

NOTA

O trovador moderno que descanta

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 2.ª — *O rei elogia Camões.*

Assunto da Estancia 3.ª — *Camões separa-se da comitiva, real e fica pensando na misteriosa entrevista aprazada na carta que recebêra na céla do monge.*

Veja estancia 23.ª, canto 3.º

Assunto da Estancia 4.ª — *Do castelo dos moiros em Cintra.*

Assunto da Estancia 5.ª — *Continuação: Do castelo dos moiros.*

NOTAS

Babel (Torre de) — Segundo a Biblia, os filhos de Noé quiseram construir uma torre que atingiria o céu. Deus anulou todos os seus esforços insensatos pela simples diversidade das linguas. Babel ficou designando em linguagem figurada confusão inextricavel.

... arrebatada
Por anjos infernaes a roca antiga
Que ao prumo a descairam—e fixada
No encantado equilibrio, desafia
Forças da natureza e arte dos homens.

Veja nota no fim do texto.

... e a cisterna que ás devotas
Abluções,

Existe no Castelo dos moiros em Cintra uma enorme cisterna.

E essa que tão longe a Méca olhando

Manda a religião mahometana que as mesquitas tenham as suas entradas voltadas na direção de Méca, patria do profeta.

Allah — Deus em Arabe.

..., guardando ainda,
No azul que em sua gloria lhe vestiram,
As estrellas do Yaman e os enlaçados
Caractéres do Hydjaz !...

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 6.ª — *Continuação: Do castelo dos moiros em Cintra.*

NOTA

Celtico dolmin recordando o culto
Do sanguento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes Lusitanos.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 7.ª — *Considerações.*

NOTA

— estas resistem
Mais que nenhumas ao minar do tempo.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 8.ª — *Um retiro entre as ruinas do Castelo.*

---

commendador da Ordem de Christo e governador de S. Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada [1]: materialissimo e prosaico fim de tão romantica, saudosa e poetica vida.

Aprendei aqui, ó Beatrizes d'este mundo!

Cumpre explicar a phrase:

Aqui atirei com elle ao mar...

No drama *Um auto de Gil Vicente,* Bernardim Ribeiro consegue entrar na náu que ha-de conduzir a infanta e falar-lhe. Quando o poeta se lamentava das suas desventuras d'amante, D. Manuel entra no galeão a despedir-se da filha. Bernardim Ribeiro para salvar a reputação da amada e conseguintemente a honra da casa real portuguêsa lança-se ao mar pela amurada fóra (3.º acto).

*

Assunto da Estancia 11.ª—*Cintra era o local indicado pela carta para a entrevista.*

Assunto da Estancia 12.ª — *Entrevista.*

NOTA

—Conde?

Veja nota á estancia 14.ª, canto 3.º

*

Assunto das Estancias 13.ª e 14.ª—*Continuação.*

[1] Doença muito perigosa que grassa nas costas da Africa tropical, durante a estação humida.

Assunto da Estancia 15.ª — *Continuação: Reconciliação.*

NOTA

Façanha heis feito de homem, que imitada
De muitos não será.

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 16.ª — *Advertencia do conde contra a falsidade que reinava no paço.*

Assunto da Estancia 17.ª — *Regresso a Lisboa.*

Assunto da Estancia 18.ª — *Os «Lusiadas» imprimem-se e vulgarisam-se rapidamente.*

NOTAS

Prompto se offerece quem germanas artes
Em dar-lhe vida e propaga-lo impregne

Veja nota no fim do texto.

GERMANAS (da Germania ou Alemanha) porque a imprensa, ou melhor, os caracteres moveis foram empregados a primeira vez em 1436 por Gutenberg, natural de Moguncia. Fust e Schoeffer, tambem alemães, aperfeiçoaram a descoberta. Parece que muito antes de os europeus conhecerem esta arte, já os chinezes a empregavam.

Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.

Veja nota no fim do texto.

CANTO X

Que exemplos a futuros escriptores!

(LUSIADAS—Canto 7.º— Estancia 82.ª)

Assunto do canto 10.º — *Miserias e morte de Camões.*

Assunto da Estancia 1.ª — *Ingratidão para com o poeta.*

Assunto da Estancia 2.ª—*Os nobres alvejados por alguns versos dos «Lusiadas» perseguem Camões.*

NOTA

...a trêda impostura d'impios bonzos,
E a tyrannía infame de valídos
O guerreiro cantor assetteára.

Veja as estancias 27.ª e 29.ª do canto 9.º e 150.º do canto 10.º dos *Lusiadas.*

*

Assunto da Estancia 3.ª — *Resolve-se a jornada d'Africa.*

NOTA

A' indigencia, á miseria ahi succumba,

Veja nota no fim do texto.

Assunto da Estancia 4.ª—*D. Sebastião afasta de si a D. Aleixo.*

Assunto da Estancia 5.ª — *Em vão Camões procura realisar as esperanças incutidas pelo rei.*

Assunto da Estancia 6.ª — *Despedida dos guerreiros que partem para a expedição a Marrocos.*

Assunto da Estancia 7.ª — *Despedida do monge que a intriga conseguira afastar de Camões, de quem era o melhor amigo. Chegada do rei.*

Assunto da Estancia 8.ª — *Desenvolvimento da idéa dos versos:*

O trêdo frio
Descobrira o cantor da vil intriga

Assunto da Estancia 9.ª — *Partida.*

NOTA

... Lá te vás e para sempre!
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria.

Depois dos primeiros da invocação á Saudade são estes os versos mais conhecidos e citados do *Camões.*

*

Assunto da Estancia 10.ª — *Lamenta-se Camões de não ter um unico amigo; interrompe-o o Jáu com um gemido em que se manifestava a sua sincera amizade.*

Assunto da Estancia 11.ª — *Emenda:*

Inda tenho um amigo [1]

*

Assunto da Estancia 12.ª — *O escravo procura e consegue um gasalhado para o épico.*

NOTA

—Meu bom senhor, um gasalhado tenho
Achado já...

Veja nota no fim do texto.

*

Assunto da Estancia 13.ª—*Amargas recordações.*

NOTA

Perto passa
D'aquella gelosia, aquella mesma
Donde os doces pinhores, d'onde a carta
Recebêra fatal.

Veja estancias 3.ª, 4.ª e 5.ª do Canto 4.º

*

Assunto da Estancia 14.ª — *Miseria de Camões.*

NOTA

Dae, portuguezes,
Dae esmola a Camões.

D'uma ode a Camões por Raynouard.

[1] O escravo.

Assunto das Estancias 15.ª, 16.ª, 17.ª, 18.ª, 19.ª, 20.ª, e 21.ª—*Camões despede-se da patria.*

NOTAS

Que tyrannos
As aguas passam do Guadiana?

A dominação espanhola de 1580 a 1640.

...uma faisca,
Esquecida a tyrannos, lá scintilla.

Veja nota no fim do texto.

Generoso Amazonas [1]

*

Assunto da Estancia 22.ª — *Carta do monge, escrita d'um carcere de Fez.*

NOTA

... que dos carceres
De Fez a escreve.

Em 1576 Abd-el-Melek, imperador de Marrocos, destronou seu sobrinho Mohammed-el-Abd, cognominado o *Negro*. Começou então em Marrocos um periodo de cruel mortandade, porque o usurpador para evitar conspirações exterminára os parentes, e de guerras porque o legitimo rei destronado

[1] Brasil.

não desistia dos seus direitos apesar de vencido em successivas batalhas. Mohamed-el-Abd, reconhecendo a sua impotencia para recuperar a coroa, conseguiu de D. Sebastião de Portugal facil auxilio, visto que assim lhe fornecia um pretexto imediato para a sonhada expedição.

Segundo Oliveira Martins a cronologia da campanha é a seguinte:

Terça feira, 24 de junho, dia de S. João, partida de Lisboa.

Quarta feira, 25 de junho: chegada a Lagos onde ficam quatro dias; embarque de parte da gente do terço de Francisco Tavora.

Domingo, 29 de junho: idem a Cadiz, onde se demoram uma semana; embarque de contingentes castelhanos; festas dadas pelo Duque de Medina-Sidonia; visita de André Gaspar Corço, enviado de Abd-el-Melek, a propôr pazes.

Domingo, 6 de julho: idem a Tanger, onde o rei desembarca e se demora dois ou três dias até se encontrar com o pretendente; partida do grosso da frota para Arzila.

Quinta feira, 10 de julho: idem do rei a Arzila, que desde o começo da guerra civil se pronunciara pelo Negro, entregando-se ao governador de Tanger; desembarque do exercito. Em Arzila os preparativos de campanha consomem dezoito dias. Escaramuças nos arredores da praça e formação do acampamento.

Terça feira, 29 de julho: marcha para o interior; acampamento dos Moinhos.

Quarta feira, 30 de julho: acampamento de Almenara; chegada do enviado de Carlos 5.º, D. Francisco de Aldana.
Sexta feira, 1 de agosto: acampamento de Truxena.
Sabado, 2 de agosto: idem de Al-kantara sobre o campo de Alcacer; chegada de Abd-el-Melek a Alcacer-Kibir.
Domingo, 3 de agosto: estabelecimento dos dois acampamentos inimigos nas margens do Mahharen, ao norte de Tukkus.
Segunda feira, 4 de agosto: Batalha.

Foi, pois, a 4 de agosto que o pequeno e irregularissimo exercito português (dezeseis a dezoito mil homens, grande parte dos quaes estrangeiros mercenarios, e embaraçados pelas muitas mulheres que os acompanhavam) se defrontou com o exercito moiro, 60:000 soldados e uma multidão de gente colectiva que elevaria o total a 100:000.

A posição do exercito português era vantajosa o que moveu o conselho do monarca a pronunciar-se a favor do combate. A subita arremetida da artilharia inimiga logo desanimou o pequeno exercito, que permaneceu indeciso e depois confuso e desbaratado porque o monarca se esquecêra no entusiasmo da peleja de transmitir as suas ordens sem as quaes o exercito não manobraria, como determinára antes.

O rei obrou prodigios, o que em parte resgatou os seus erros enormes, e morreu ou desapareceu misteriosamente. A quasi absoluta ignorancia do modo como acabára e o desanimo que reinava na metropole que

via extinguir-se logo ao nascer a sua confiada esperança, crearam uma seita de crentes na sua volta para salvar a patria, crença que se enraizou fundamente na imaginação ignorante do povo. Foi o *sebastianismo*. Varios impostores exploraram esta crença, o que lhes custou a vida.

*

Assunto da Estancia 23.ª — *Morte de Camões.*

NOTA

Patria, ao menos
Junctos morremos...

Veja nota no fim do texto.

Domingos Antonio de Sequeira, de que a nota do autor fala, é o mais ilustre pintor português depois do Grão Vasco. (Veja nota á estancia 2.ª, canto 3.º).

Tem-se dito que o seu papel na historia da pintura o coloca ao lado de Rembrandt. As suas obras primas são: *Morte de Camões, Desçanço no Egypto, Baptismo do Salvador, Crucifixão de Christo, Calvario, Adoração dos Magos, Ascensão* e *Juizo final.*

CONCLUSÃO

Assunto — *Censura.*

Onde jaz, portuguezes, o moimento
Que do imomrtal cantor as cinzas guarda?

Veja-se nota no fim do texto.

Canto de indignação, ultimo accento
Que jamais sahirá da minha lyra,

Veja-se nota no fim do texto.

Em Lisboa inaugurou-se solemnemente em 1867 um monumento ao epico que se ergue na bem conhecida praça do seu nome. Em Coimbra tambem, em 1881, se erigiu um monumento de detestavel gosto. Em 1880 solemnisou-se em todo o paiz, principalmente em Lisboa e Coimbra, o centenario da morte de Camões. As ossadas, supostas suas, jazem num belo tumulo, esculptura de Costa Motta (Jeronimos).

RAPIDO ESTUDO

Da leitura do *Camões*, cuja interpretação julgamos ter facilitado de certo modo, deve-se ter deprehendido o espirito de Garrett que em si sintetisa o d'um povo inteiro. O espirito de Garrett, quasi sempre leve, alegre e despreocupado, não destoa do modo de ser geral dos outros poetas portuguêses, porque bem português se patenteou no *Camões*, no *Frei Luís de Sousa*, os seus titulos de gloria. E' geralmente reconhecida a feição melancolica, sentidamente chorosa dos cantares do povo português, a voga que acolhe sempre um drama sentimental, embora falso, como *A morgadinha de Valflor*, romances como o *Amor de perdição*, poesias como o *Noivado do sepulchro*, a *Barca bella* e as *Azas brancas*. Este fundo, tão impregnado de sentimento, seria um terreno fecundissimo para as mais mais bélas concepções artisticas se a instrução o cultivasse. Assim, enraizado ao excesso, prevalecendo sempre pela ignorancia, converte-se num torpe romantismo que quebra todos os estimulos e aniquila o positivismo temperado que a vida exige. Quem, movido por um pouco de patriotismo ou de amor pela arte, tenha escutado ou estudado a musica nacio-

nal, popular ou de escola, deve ter observado que deliciosas harmonias éla respira por vezes. Não primará por dificuldades de execução, mas tem alma como talvez só a italiana. A mais elementar lei da literatura, seja sob a forma de som ou de palavra, é reflectir a alma do povo, em cujo seio nasce e se desenvolve. A psicologia portuguêsa está pois espelhada nas canções populares, no lirismo plangente dos nossos poetas, no entusiasmo com que o povo acolhe as peças de sentimento. D'ahi o atrazo que levamos nas epocas literarias. Quando no estrangeiro fazem epoca Zola e Daudet, começam em Portugal os partidarios de Eça de Queiroz e do Camillo do *Eusebio Macario* uma luta cega com os numerosos adeptos de Pinheiro Chagas, de Herculano do *Eurico*, do Garrett na *Joaninha dos olhos verdes*.

Assim pois se justifica o bom acolhimento que teve o *Camões*, e a geral procura que ainda tem. O fundo elegiaco do poema, o tema sempre vivido e animando a alma nacional, o epico e a epopéa, e o seu valor literario têm-no sustentado a fazer actualidade e tarde o postergarão para a historia da literatura. A verdade historica é ás vezes iludida, mas esse pequeno *senão* devemo-lo relevar a Garrett, que o compôs no estrangeiro e desacompanhado de quaesquer livros que o subsidiassem. O protagonista, Camões, é apresentado sob uma forma prestigiosa. Estancias ha d'uma beleza tal que por si só bastariam para dar renome glorioso ao autor. O canto 5.º é a ultima palavra em sentimento e perfeição artistica.

Tudo fazia vibrar a alma do poeta, que aos vinte e quatro anos, se via só, em terra estranha, quasi mendigando um modesto emprego, carpindo saudades da patria em convulsões politicas. A idéa sugerira-lh'a o grande pintor Domingos Antonio de Sequeira e a sua alma patriotica abraçou-a, e sobre éla fundamentou o primoroso poema, que na historia da nossa literatura marca a transição para o romantismo.

O epico, a epopéa e a elegia de Garrett são as taboas de salvação a que se apega a alma nacional nas grandes crises. Pela sua influencia, pelas condições prestigiosas em que Garrett o escreveu, o *Camões* será por muito tempo ainda um livro de leitura obrigada.

Como sucede com todas as grandes obras, correm muitos versos do *Camões*, consagrados na linguagem erudita:

Saudade! Gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir d'acerbo espinho,

. . . . . estes momentos
Consagrou na terra a doces magoas.

Ausencia dura,
Separação cruel só pode unir-nos.

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancholica das aguas,
Ouvi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade
Alta noite escutei o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes; e aos longos pios

Da ave triste ajuntei meus ais mais tristes...
Rosa d'amor, rosa purpurea e bella
Quem entre os goivos te esfolhou da campa?

...Lá te vás e para sempre
Nas pandas azas dos traidores ventos,
Independencia, liberdade e gloria!

Terra da minha patria! Abre-me o seio
Na morte ao menos!

Nem o humilde logar onde repoisam
As cinzas de Camões, conhece o Luso

Com a devida vénia transcrevemos em seguida um trecho da poesia *Almeida Garrett*, referindo-se ao poema que analisámos. E' do Ex.mo Snr. José Ramos Coelho, um dos mais maviosos e mais modestos poetas contemporaneos, admirador e discipulo do autor do *Camões*, com quem manteve relações.

Foi composta e impressa dias depois da morte de Garrett e traduzida em italiano em 1856 pelo Dr. Luiz Brignoli Junior. Corre impressa no volume *Cambiantes*, o quarto das poesias do sr. Ramos Coelho.

.....
Da lyra agora temperando as cordas, [1]
Na língua de Camões Camões revive,
E a lingùa e o vate grandiosos surdem.
Em novo estylo, remoçada e forte
A nossa fala donairosa attinge

[1] Da lyra agora temperando as cordas
até
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

O poema *Camões* composto no exilio, em França.
(Nota do Sr. Ramos Coelho)

A louçanía das da Europa cultas;
Brota, cresce, enfloreia-se viçosa
E variegada, qual jardim d'estio,
Onde a este ajudou a natureza;
Aqui risonha ali compadecida;
Desalinha da ás vezes; ora meiga;
Ora arrojada em consizão nervosa;
Mas sempre portugueza e bella sempre.

Como resoa da saudade o canto
Nas ribas extranheiras! De acanhada
Entre os olmedos d'esse podre Sena,
Su'alma inquieta para os mares foge.
Como lhe anceia o coração, contando
Do poeta de Ignez a sorte infausta!
A' mingua morre; na penuria expira
Quem fez a Portugal maiór no mundo!
«E tu mãe descaroavel o enjeitaste! [1]
«Onde jaz portuguezes o moimento, [2]
«Que do immortal cantor as cinzas guarda?

Assim bradava no desterro o vate,
Dos seus o brio, a honra estimulando,
A recordar os feitos do passado;
.....

---

[1] Verso de *Camões* com substituição apenas de *me* por *o*, canto 1.º, est. 16.º

[2] Este verso e o seguinte são do mesmo poema, canto 10.º, est. que o encerra.

NOTAS ELUCIDATIVAS[1]

AO POEMA

O RETRATO DE VENUS

DE

ALMEIDA GARRETT

O poema *O Retrato de Venus* e a *Historia da Pintura* foram escritos em 1816, aos dezesete anos de Garrett e publicados a primeira vez em Coimbra, na tipografia da Universidade, 1821. Imediatamente o livro foi aprehendido e o seu autor processado. Na audiencia do julgamento o poeta defendeu-se tão eloquentemente que foi absolvido.

Parte d'esse discurso e varios documentos relativos ao processo andam insertos no volume 21.º da Coleção das Obras de Garrett, Empresa da Historia de Portugal. Este discurso é notavel pela dissertação sobre filosofia scientifica que encerra. Garrett era um espirito verdadeiramente enciclopedico e foi dos primeiros a encarar e conceber a Literatura como intimamente ligada ás Scien-

[1] Estas notas são referidas ao texto do volume 1.º da Coleção da *Empreza da Historia de Portugal.*

cias que completa e cujos progressos acompanha.

Não é raro supôr-se a Sciencia e a Literatura coisas distinctissimas e as duas vocações absolutamente irreconciliaveis. Evidentemente é falsa tal maneira de ver; ramo algum da actividade humana é em absoluto independente.

Conhecimento profundo de Sciencia sem a Literatura nacional e internacional é uma instrução incompleta, egoista. E' como o individuo que, tendo meios bastantes, apenas atende ao estrictamente indispensavel, ao de utilidade imediata.

Ao contrario quem completar o estudo da Sciencia com o das Letras atende ao bélo. A Literatura é a maneira mais facil, mais intuitiva e mais agradavel de entreter o espirito e assímilar conhecimentos, quando não sejam das sciencias positivas ao menos da Sociologia.

Foi Voltaire quem revolucionou o mundo scientifico e intelectual, e depois o social, tornando-se como que um relatorio de toda a evolução scientifica do activissimo povo francês. E Voltaire que era?

Homem de letras, mas como já no seu seculo e mais ainda no que atravessamos devem ser todos.

Para os sacerdotes da Sciencia o estudo da Literatura é pois facultativo, é o luxuoso, o bélo do exemplo antecedente; para os escritores a Sciencia é indispensavel: antes do bélo o imediatamente util.

Alêm d'isso a Sciencia fornece grande vocabulario ao escritor e obriga-o a analisar a

natureza diversamente, analise que feita pela sciencia, poetisada por um temperamento apaixonado, é muito mais béla que feita ou só pela frieza da sciencía ou pelo sentimento ignorante.

O homem de sciencia sabe, porque estuda; o homem de letras sabe, porque estuda, e sente e exprime o sentimento, porque tem esse condão natural.

A profissão das Letras envolve naturalmente a da Sciencia e completa-se com um éstro especial, dispensavel na segunda.

Guerra Junqueiro sintetisa:

A poesia é a verdade transformada em sentimento.

A educação literaria de Garrett foi-lhe ministrada por seus tios o bispo resignatario de Angola, D. Alexandre da Sacra Familia, o arcediago Manoel Ignacio, o conego Ignacio da Silva, o helenista terceirense Joaquim Alves e João Carlos Leitão, todos êles árcades arreigados. Garrett no prologo da tragedia *Merope*, volume 10.º da Coleção, descreve a sua educação pseudo-classica, ou melhor, arcadica, que se reflecte em todas as suas primeiras composições, numas pelo assunto e pela forma, *Lucrecia*, *Merope*, *Sophonisba*, *Edipo*, noutras apenas pela forma, *Odes anacreonticas*. Estas odes, em n.º de nove, foram inspiradas por um primeiro e passageiro amôr com uma creança inglesa.

O periodo das Arcadias é o mais sáfaro da Literatura portuguesa, embora os intuitos que presidissem á sua fundação fossem muito louvaveis. Foi a gaiola arcadica que

conteve os vôos do genio extraordinario de Bocage e o inutilisou.

As academias litterarias são absolutamente estereis, porque as creações estheticas derivam do modo de sentir individual incompativel com a regularidade das reuniões e com as normas de um bom gosto auctorisado pela collectividade.

T. Braga.

Debaixo da influencia d'essa educação, Garrett, adoptando o nome arcadico[1] *Junio Duriense*, escreveu o poema *O Retrato de Venus*, classico por parte do assunto, Venus e Adonis, romantico por outra parte, o fresco da arte.

Era a transição das escolas que se agitava no seu espirito.

O proprio autor denuncia o espirito e o assunto do seu poema nos seguintes versos:

... puro e simples
Nunca ouvidas canções da lyra entôo

Qual és, qual foste, qual te apura os mimos
A arte engenhosa, tu lhe amostra e ensina.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas
C'o divino pincel, co'as magas tintas
Estremar com primor, colher-lhe o beijo,
Sem donosas ficções meu canto ensine.
Ficções!... E aureas ficções desdenha o sabio?
A douta, a mestra antiguidade o diga.
Não; fabula gentil volve a meus versos;

[1] Os árcades tomavam um nome de pastor, ex.: *Lemano*, Padre Manoel de Macedo; *Corydon Erymantheo*, Garção; *Elpino Nonacriense*, Antonio Diniz da Cruz e Silva; *Elmano Sadino*, Bocage, etc.

CANTO I

Assunto geral do Canto 1.º — *Exposição do assunto; invocação a Venus. Concurso dos pintores para reproduzírem a natureza personificada em Venus.*

NOTAS

Doce mãe do universo ó Natureza,
Alma origem do sêr, germe da vida,

Veja nota no fim do texto.

Estes versos valeram-lhe a acusação de *forcejar por* imitar, o *coripheu do Epicureismo*[1] *Lucrecio.*

Réplica de Garrett:

Porquê? Porque o cito algumas vezes? Porque digo no principio do meu poema:

Doce mãe do universo, ó natureza,
Alma origem do sêr, germe da vida, etc.

Pois é Epicureismo falar assim com a natureza? Camões foi impio, Fpicurio e mau christão quando no canto 9.º e 10.º imitou o 6.º Livro da *Eneida?* Tasso foi impio, Epicurio e máu christão quando no canto 14.º e 15.º faz o mesmo? Foram impios, Epicurios e máus christãos, Newton, Descartes e Lei-

[1] As formas geralmente usadas são: *Epicurista* e *Epicurismo,* porêm reproduzinco frases do autor registaremos as suas.

bnitz quando explicaram os phenomenos da natureza physica, as leis de movimento, e a ordem de suas forças e agentes? O *Anti-Lucrecio* de cardeal de Polignac, quando impropera o seu antogonista, nunca se lembrou de o atacar por similhante motivo.

---

no fluido immenso legislando,...
Libras sem conto ponderosos mundos
Que na ellipse invariavel rotam fixos,

Veja nota no fim do texto.

Qual és, qual foste, qual te apura os mimos
A arte engenhosa...

Veja nota no fim do texto.

Como é dado aos mortaes bellezas tuas

Veja nota no fim do texto.

A douta, a mestra antiguidade o diga,

Veja nota no fim do texto.

Não; fabula gentil, volve a meus versos;

Veja nota no fim do texto.

Orna-me a lyra c'os festões de rosas,
Que ás margens colhes da Castalia pura:

A ninfa Castalia para se escapar á perseguição interesseira de Apollo precipitou-se num ribeiro que brotava do sopé do Parna-

so. O ribeiro tomou o seu nome e foi consagrado ás musas. (Mitol.)

... de Epicurio ao vate

A má interpretação do Epicurismo fez mal julgar de Horacio, que se declarou, *me... Epicuri de grege porcum.*

O Epicurismo compoe-se de três partes, moral, fisica e canonica ou logica, todas élas originariamente gregas. O seu supremo problema é o da *felicidade absoluta*, que os sentidos indicam ser o *praser*. Segundo Epicuro, o fim da virtude é assegurar ao homem a *ataraxia*, ausencia de toda a dor e conseguintemente a completa felicidade.

A prudencia distingue as verdadeiras das falsas delicias; a temperança resiste á tentação dos falsos praseres; a coragem prepara-nos com suportar um mal presente e inevitavel um bem futuro muito maior; a justiça por uma convenção reciproca preserva-nos das violencias d'outrem; a amizade defende-nos e consola-nos. Como se vê o *praser* do Epicurismo é inteiramente negativo, e a sua moral severissima. Para obter a felicidade de Epicuro é necessario dizer adeus a todas as verdadeiras felicidades, porque não ha uma só que não exija dispendio de actividade e não traga comsigo probabilidades de dôr. Com sucessivos esforços por evitar o sofrimento o epicurista abrogou toda a ação, todo o movimento; e fez da vida um ideal, que a torna quasi similhante á morte. Certos discipulos de Epicuro inter-

pretáram diversamente a busca do praser; d'ahi a significação de voluptuoso e libidinoso atribuida a epicurista, que já corria em Roma no tempo d'Augusto. E' comtudo injusto imputar essa falta a Epicuro porque as suas doutrinas eram severamente abstinentes.

Cesar, Cassio, Horacio e muitos outros vultos importantes coevos foram epicuristas.

Venus, Venus gentil!

Venus, Aphrodite entre os gregos, deusa da formosura, era filha de Jupiter e da ninfa maritima Dione. Tambem a diziam nascida da espuma do mar. A sua beleza radiante causou geral admiração na côrte do pae dos deuses e proclamou-a a mais bela deusa do Olympo, o que o voto de Paris veiu confirmar. (Veja notas á estancia 17.ª e canto 7.º do *Camões)*.

Casou, ou fosse pela atração dos contrastes ou por mero capricho, com o mais feio e hediondo dos deuses, Vulcano, fundidor dos raios de Jupiter.

Talvez fosse a ancia da liberdade do coração, desculpavel pela fealdade repulsiva do marido, que a levasse a assentir no consorcio. O certo é que Venus, cortejada por inumeros admiradores, correspondeu por vezes aos seus galanteios... e rendeu-se.

Passageiros uns, duradoiros outros que por vezes atingiam os extremos de funda paixão, os pecados de infidelidade conjugal

acarretáram serios desgostos ao pobre do Vulcano, que, irado e arrastando a sua perna côxa, percorria montes e vales em busca da esposa.

Mas o amante fugia e um sorriso, um momento de celestiaes praseres faziam-lhe voltar o antigo enlevo ao coração, menos duro que o ferro que forjava. E' que o pobre marido, apesar dos seus legitimos direitos sobre esposa, considerava-se ainda por cima lisongeado em virtude da sua extrema fealdade.

Quatro foram os principaes amantes da formosa Venus, dois deuses, Marte e Bacho, e dois mortaes, Anchises e Adonis. Na côrte de Jupiter parece que não haveria muito que escolher porque o seu marido e os deuses amantes não eram de inspirar grande paixão. Vulcano feessimo e aleijado; Marte de aspecto severo e presidindo á sangrenta guerra; e Bacho, sempre moço, sempre atraente, mas sempre deus do vinho e, como tal, o seu principal... consumidor.

De Marte teve um filho, Cupido, deus do amor; de Bacho houve o Hymeneu, que presidia ás cerimonias nupciaes e as três Graças, Aglae, Thalia e Euphrosina; e de Anchises, principe troiano, a Eneas, ascendente dos romanos. Foi principalmente com Adonis que os seus amores assumiram os extremos da mais arrebatada paixão. Era nos voluptuosos e perfumados bosques de Chypre que Venus e Adonis entretinham os seus idilios, felizes como nunca a deusa fantasiára, curtos como toda a felicidade. Indignavam-se os deuses, principalmente Marte em quem

o extremoso amôr se convertêra no mais acerbo ciume:

Amor que doce é! Oh! Quam ditoso
Quem sabe e pode amar! Prazeres meigos,
Graças louçans e risos brincadores
De emtôrno lhe esvoaçam;
A existencia lhe doiram.
.....

Tal em prazeres se lhe espraia a vida
Ao amante feliz; tal o universo
Mar immenso de gosto se lhe estende,
E de um prazer lhe nascem
Infindos os prazeres.

Ameno quadro, delicioso, ó Jelia!
Mas ah! Jamais o voltes. Negro, escuro,
Mais feio do que a morte
É o reverso d'elle.

Dôres armadas de aguçadas pontas,
Remorsos negros como a luz do inferno,
E a Angustia roxa que no colo aperta
O laço carredio
Com que acinte se affoga.

Da côr do ferreo-azul das chammas do Ethna
Lá está sobre elles de ouriçada coma,
De verde-negras serpes ennastrada,
Rasgando-se as entranhas,
Co'as farpeadas unhas,

O monstro horrendo... Qual?—Treme: o Ciume?
Vês-lhe o peito? olha: um cancro ascoso roe-lh'o,
Chega-lhe ao coração, heiva-lhe o sangue,
Empeçonha-lhe a vida,
Nega-lhe o bem da morte.

Eis o avêsso do quadro...
.....

(*Sapho* de Garrett)

Movido pois pelo atroz ciume, Marte im-
ptrou de Diana que um javali arremetesse
contra o feliz amante, quando iludia a sua
saudade caçando, e o matasse. Venus cho-
rou os momentos tão felizes e tão passagei-
ros e perpetuou os seus amores transfor-
mando o amante em anemona. Chegou a
consolar-se talvez e alguns dos seus muitos
admiradores no ceu e na terra tomaria o lo-
ar vago, tão desejado e cubiçado.

São precisamente estes amores, Venus e
Adonis, que déram assunto e pretexto ao
presente poema, na essencia uma *simples
glorificação da pintura e caracterisação das
suas varias escolas.*

Garrett e a sua obra — T. Braga.

Torvo Sumano desenfreie as furias...

Sumano ou Plutão era o deus dos infer-
os.

Os seus dominios, cuja entrada se fazia
pela lagôa do Averno, na Campania, com-
prehendiam o Erebo, ainda muito proximo
da terra para os pequenos delictos, o Tar-
taro ou Tenaro a uma profundidade imensa
para os grandes criminosos e os Campos
Elisios, a mansão dos justos.

Limitavam os infernos cinco rios: o Styge,
o Acheronte, o Cocyto, o Phlegethonte e o
Lethes.

O Styge dava sete voltas em redor dos
infernos e era invocado pelos deuses nos ju-
ramentos solemnes. As suas aguas tornavam
invulneravel quem nélas se banhasse. Foi

assim que Achilles se tornou invulneravel, menos no calcanhar por onde sua mãe Thetis o segurára.

As aguas do Acheronte eram extremamente amargas e lodosas; as do Cocyto eram as lagrimas dos condemnados; as do Phlegethonte eram fogo liquido, mergulhados nas quaes os criminosos expiavam; as do Lethes faziam esquecer de todo o passado a quem nélas mergulhasse.

Era o barqueiro Caronte quem transportava as almas dos mortos pelos rios infernaes. Em paga exigia uma pequena moeda, aliás as almas errariam cem anos pelas margens. D'ahi o costume entre os povos antigos de introduzir em todas as sepulturas uma moeda, *o obulo*.

O cão Cerbero, monstro de tres cabeças, guardava vigilantemente a porta dos dominios plutonicos.

Cypria formosa ..
... Idalia deusa,

Venus.

... o Cyprio moço, o Teucro.

Veja nota no fim do texto.

Emquanto nas lidadas officinas,

Veja nota no fim do texto.

CYNEREO MANCEBO — Adonis era filho de Cyniras e de Myrrha.

C'o estremecido arrulho a dona imitam.

As pombas eram as aves sagradas a Venus.

Veja nota do fim do texto.

Ah! Se o gosto supremo a um deus não peja

Comprovada por estes versos, formulou-se contra Garrett primeiro num jornal, depois no tribunal a acusação de *censurar os preceitos formaes da lei antiga e nova.*

Replica de Garrett:

Onde está a *Censura, e o sacrilego despejo?*

Trata-se um assumpto mythologico, trata-se poeticamente, é um Deus fabuloso de quem se fala; e vem a theologia, e o christianismo entra n'estes pontos!!— a religião christã prohibe os *prazeres* entre os dois sexos: convênho; mas a natureza deu-nos inclinação, tendencia, e até necessidade d'esses prazeres. E' uma virtude pela natureza, é um crime segundo a religião.

Mas é um crime em certas circumstancias.

A religião dirige e regula aquelles movimentos da natureza, para que o vicio se não macule; santamente o faz, vem em apoio da moral natural, e social. Mas, porque isso é verdade, segue-se que não chamemos a essa lei religiosa uma privação? Segue-se que seja crime dizê-lo?....

Porquê mesquinhas leis nos vedam barbaras
Tam suave pecar...

Veja nota no fim do texto.

Lemnos — Ilha do mar Egeu, onde Vulcano tinha a sua oficina. Eram seus oficiaes os gigantes Cyclopes. Outras teve tambem na Sicilia, Etna, e no archipelago Lipari.

Dos antigos errores esquecido:

Veja nota no fim do texto.

E do amado na dôr, sua dôr recresce.

Veja nota no fim do texto.

Com o amante fugir, morrer com elle ?

Veja nota no fim do texto.

: comsigo ao carro o sobe

Veja nota no fim do texto.

Voa a Paphos, e ás Graças lisongeiras
O precioso penhor saudosa entrega.

Na cidade de Paphos, Chypre, existia templo a Venus. As Graças, suas filhas nham altares nos seus templos.

---

mago atractivo
Que lhe spira dos labios, das pupillas,

Veja nota no fim do texto.

Arde voltar ao suspirado asylo ;

Veja nota no fim do texto.

Desenhos volve...

Veja nota no fim do texto.

...tormentorio cabo,
(Sempiterno brasão da Lusa gloria)

O cabo da Boa Esperança.

Presas não gemem fugitivas Nayas,
Nem Dryades gentis feridas choram;

Nayas ou Nayades, filhas de Jupiter, eram as ninfas dos rios e das fontes. Habitavam á beira d'agua em grutas ou entre canaviaes.

Dryades eram as ninfas tutelares dos bosques e das arvores.

Tu, do universo creador principio,
Venus! oh mãe d'amor, oh mãe de tudo!
Que amor é tudo, que só tu com elle,
Ambos creastes e regeis o mundo,
Que a natureza sois,

Dissémos atrás no principio do canto 1.º, sintetisando-o: Exposição do assunto; invocação a Venus. Concurso de pintores para reproduzirem a *natureza personificada em Venus*.

Estes versos vêm pois atestar a ultima parte: *a natureza personificada em Venus*, e mais ainda a seguinte argumentação do autor:

— Eu não conheço na natureza senão duas forças, a da attracção, e a da repulsão. Por ellas se equilibram os corpos, por ellas gravitam. As moléculas mineraes que no centro da terra se juntam por chimica affini-

dade, a attracção as une; o pólen que vae do pistillo ao estame fecundar a flôr, e continuar a especie de planta a que pertence, pela attracção a busca; o macho que procura a fêmea, e machinalmente prolifica, a attracção o levou a ella. Este instincto que nos impelle a tudo quanto é prazer, que nos repelle de tudo quanto é dôr, que é senão attracção e repulsão? Unicas forças do universo, unica potencia da materia, unico movel das coisas physicas e unico tambem das moraes. Interesse lhe chamam os moralistas, instincto os zoologistas, mas todas estas especies se comprehendem n'um só genero—attracção Esta attracção, este principio de vida que anima o Universo, esta força de reproducção constante que une e vivifica a grande cadeia dos sêres e leva de ente a ente o impulso da existencia por uma serie sem interrupção, este principio eterno e invariavel, eis aqui o que eu quiz poeticamente explicar nos meus versos. Personifiquei-o em Venus. E' Venus a deusa do amor, amor se chama á attracção animal da especie mais nobre; amor poeticamente chamou Darwin á attracção das plantas; assim o pediu a poesia, assim o disse; não me parece dever arrepender-me.

Filho (co'a voz lhe diz, que impera em Jove,
Que tão suave rege a natureza),
Tu me feriste; não accuso o golpe:
Amo, adoro esse ferro...

Cupido tinha por armas uma aljava com setas e um arco.

E a progenie d'Apollo, almos, divinos,
Os pintores me traze aqui n'um ponto.

Apollo presidia ás artes e era tambem venerado como deus do sol.

Mal disse: e o raio mais veloz não rue

Veja nota no fim do texto.

TONANTE IRADO — Jupiter.

A' voz da deusa fende os ares liquidos.

Veja nota no fim do texto.

... voam de Minerva ao sabio clima,

Grecia. Quando Cecrops fundára Athenas, Neptuno e Minerva assentáram que daria o nome á nova cidade aquêle que melhor beneficio lhe ofertasse. Neptuno, batendo com o tridente na terra, fez surgir um cavalo; Minerva, batendo com a lança, uma oliveira. Os deuses decidiram favoravelmente a Minerva, porque a oliveira era simbolo de paz. De Athene, Minerva em grego, se chamou a nova cidade Athenas. Presidia ás artes e ás sciencias.

Hoje tôrpe, e servil é o bruto imperio;

Ao tempo em que o autor escrevia, a Grecia estava sob a tutéla da Turquia, de que só se emancipou em 1827, por intervenção da França, da Inglaterra e da Russia.

Quaes ao paiz do mysterioso Etrusco:

Veja nota no fim do texto.

A' formosa Bolonha...

Veja nota no fim do texto.

SOBERBA GALLIA — França.
IBERIA — Espanha.
LYSIA — Portugal.

... homens creadores,
Prometheus, que á materia informe e bruta
Co' o divino pincel dão fórma, e vida;

Prometheu, filho de Japeto, moldou em barro uma figura humana e animou-a com o fogo celeste que roubára. Jupiter mandou-o acorrentar ao Caucaso, onde um abutre lhe devorára o figado, que renascia sucessivamente. Hercules libertou-o e matou o abutre.

E, fitando no céu audazes vistas,

Veja nota no fim do texto.

APELLES — O mais celebre dos antigos pintores gregos.

Nasceu em Epheso e viveu na côrte de Alexandre Magno, 4.º Sec. AC.

ZEUXIS — Pintor grego dos mais celebres da antiguidade, Sec. 5.º AC.

THIMANTE — Pintor grego, autor do quadro *Sacrificio d'Iphigenia,* 4.º Sec. AC.

PARRHASIO — Pintor grego contemporaneo e rival de Zeuxis.

Aos golpes crebros, incessantes, duros

Veja nota no fim do texto.

HESPERIA — Italia entre os antigos gregos.

CANTO II

Assunto do Canto 2.º — *Historia da Pintura: Escolas romana, florentina e bolonhêsa.*

NOTAS

Vão-lhe na frente os affamados chefes,

Veja nota no fim do texto.

No bello antigo modelando as graças,
....
Vem tribu excelsa dos Romãos pintores..

A escola romana, pelas belezas que produziu, é a primeira da historia da pintura. Os seus mestres buscáram assunto na antiguidade, talvez por influencia das descobertas de estatuas e monumentos nas excavações que faziam no local da antiga Roma.
Veja nota no fim do texto.

E quanto inspira Apollo...

Veja nota no fim do texto.

As glorias do Thabor fez ver ao Tibre,
E aos d'arte amantes desejar com Pedro
Junto ao prodigio habitação ditosa.

Foi no Thabor, montanha proxima a Jerusalem que Cristo se transfigurou. Existe uma obra prima em pintura a oleo de Raphael: *A Transfiguracão*. No Museu Nacional das Belas Artes existe uma imitação d'este quadro pelo pintor português Antonio Manuel da Fonseca. (Sala B. N.º 555).

Advertencia. Para completo entendimento dos nomes de pintores, procure-os na Historia da Pintura do autor a seguir ao texto do poema, motivo por que os não anotamos.

E aos d'arte amantes desejar com Pedro
Junto ao prodigio...

Veja nota no fim do texto.

Em cêrca aos muros da gentil Parthénope

Veja nota no fim do texto.

Umas sobre outras, as cidades jazem,

Veja nota no fim do texto.

E a rôdo os d'atro fogo horridos raios

Veja nota no fim do texto.

Inda no mesto panno afflicto suam;

Veja nota no fim do texto.
QUIRINOS MARTES—Romanos.

Ah! proximo o prazer vae dar ao mundo
Prodigios de valor, extremos d'honra,
Prole Romana... Eis o universo em ferros.

Rapto das Sabinas por Cortona.

Romulo fundára Roma e povoára-a com povos vizinhos que atraíra. Como não houvesse mulheres organisou uns divertimentos publicos para que foram convidados os Sabinos e suas familias. No meio d'êles, as mulheres foram raptadas. Seguiu-se uma curta guerra a que poz termo a intervenção das raptadas, já então casadas. Esta lenda creou-se talvez para explicar a rapida fusão dos dois povos.

...a ti sorriram
Do magno cinto de Erycina as graças;

Venus possuia um cinto fascinante onde se achavam recolhidas as graças, os encantos, os desejos e os atrativos. Juno pediu-lh'o emprestado para fazer enamorar-se d'éla Jupiter.

Capitolio — Templo e cidadéla sobre o monte Capitolino em Roma. Era ali que se coroavam os triumfadores. Proxima ficava a rocha Tarpeia d'onde eram precipitados os traidores. D'ahi o ditado: *A rocha Tarpeia está proxima do Capitolio*, para exprimir que muitas vezes o triunfo é seguido da quéda.

Já de acurvados reis não brilha o fasto.

Veja nota no fim do texto.

Circo — O Circo ou Coliseu de Roma era um magnifico amfiteatro começado a construir-se no reinado de Vespasiano e concluido no do seu filho Tito. Podia contêr mais de 80:000 pessoas. Era lá que se realisavam os combates de gladiadores e que os cristãos eram lançados ás feras. Existem as suas ruinas.

Fóro ou Forum — Era a praça de Roma onde o povo se reunia para tratar dos negocios publicos.

Livio — Tito Livio, historiador latino.

Vaticano — Suntuosissimo palacio dos papas. E' das principaes maravilhas de Roma. Possue museus, bibliotecas riquissimas, esculpturas e pinturas dos principaes artistas do mundo.

Não foi sobre o Synai mais formidavel,
Que d'Angelo entre as mãos, Moysés terrivel,

Sobre o tumulo do papa Julio 2.º na Igreja de S. Pedro (Roma), existe uma esculptura sublime: *Moysés*, de Miguel Angelo.

Nem lá no extremo, derradeiro dia
Julgamento final será mais horrido.

Na capela Sixtina (Vaticano) existe o celebre fresco de Miguel Angelo: *Julgamento final.*

C'o deus, que o peito vos perturba, anceia,
Mais pavorosas vão rugis, Sibylas.

Veja nota ao verso 11.º, estancia 7.ª, canto 7.º do *Camões.*

As Sibylas, fresco de Miguel Angelo (Capela Sixtina.)

... desdobrando hydraulicos segredos,

Vinci dirigiu a construcção do Canal de Milão.

... das nove irmãs o choro arguto.

As nove musas.

d'Agnese gentil a ardua constancia

Martirio de Santa Ignez, quadro de Zampieri (Bolonha). Santa Ignez foi martirisada em 303 no reinado de Diocleciano.

CANTO III

Assunto do Canto 3.º — *Continuação: Historia da Pintura: Escolas veneziana, flamenga e francesa. Pintores ingleses.*

NOTAS

Enfreia as iras de Neptuno indomito.

Veja nota no fim do texto.

---

d'Adria o golfo tempestuoso.

O Mar Adriatico. O nome vem da cidade de Adria, situada entre o Pó e o Adige, que outr'ora banhava. Pelo sucessivo avanço do delta, essa cidade dista hoje 35 kilom. da costa.

Veja nota no fim do texto.

Alli, fugindo aos clamorosos brados,

Veja nota no fim do texto.

Emporio foi depois do rico Oriente,

Veja nota no fim do texto.

E do alado leão tremeu gran tempo

Veja nota no fim do texto.

E segue a esteira das cortadas ondas.

Veja nota no fim do texto.

Foi a patria d'heroes, foi mãe de sabios;

Veja nota no fim do texto.

Ticiano.

D'êle disse Taine:

Le Titien a eu le don unique de faire des Vénus qui sont des femmes réelles et des colosses qui sont des hommes réels, je veux dire le talent d'imiter les choses d'assez près pour que l'illusion nous saisisse et de transformer les choses assez profondement pour que le rêve s'éveille en nous.

Veja nota no fim do texto.

Ai do triste mancebo!

Castel-franco morreu aos 34 anos.

Adriades gentis ..

Veja nota no fim do texto.

E no fuso cruel a Parca dura
Um fio tão gentil fiou tão curto!

As Parcas eram três divindades infernaes em cujas mãos se achava a vida humana.

Fiavam lã que era branca, se o destino do mortal era feliz, e negra no caso contrario. Clotho sustinha a roca e presidia ao nascimento, Lachesis fazia girar o fuso e prolongava mais ou menos a existencia; e Atropos cortava o fio com uma tesoura, pondo assim termo á vida, simbolisada no fio.

Aos dois Bellinis,

Gentil e João Bellini.

E tu, Paulo gentil, delicias, mimo
Dos voluptuosos olhos da donzella;

A obra prima de Paulo de Verona é o *Rapto da Europa* (Veneza).

Europa era filha de Agenor, rei de Phenicia. Foi raptada por Jupiter e conduzida a Créta, onde nasceu seu filho Minos.

... mil graças, mil encantos
Sem mysterio, sem véu te deu,

Veja nota no fim do texto.

Em que lhe pese a inveja, e seus furores,

Veja nota no fim do texto.

Scena outrora infeliz da gloria França,

Guerras com a França, terminadas pela paz de Aix-la-Chapelle (1668).

O' filhas de Memoria,
Vós, que no Pindo entre o verdor mimoso

Dé Apollo e de Mnemosyne ou Memoria nasceram as novas musas. Era-lhes consagrado o Pindo, montanha ao norte da Grecia, entre a Thessalia e o Epiro.

Lhe bafejastes divinal espirito,

Veja nota no fim do texto.

Ella !... A guerra cruel, a horrivel frente

Quadro alegorico da guerra por Rubens.

E o veneno lethal lhe infunde n'alma.

Veja nota no fim do texto.

Lá baqueia de Jano o templo Augusto :

Jano era uma divindade romana de duas caras, simbolisando o passado e o presente. Era o deus das portas e das entradas. O seu templo estava fechado em tempo de paz e aberto em tempo de guerra.

Fiavam lã que era ... aén correcto!
mortal era feliz, e
Clotho sustinha ...
mento, Lachesis
gava mais ou ...
cortava o fio ... nesta
termo á vida

... exto.

A

... obra maior, Vandick insigne.

Gen

... ota no fim do texto.

Baqueia exangue de Pyrene a féra,
Co'a Europeia ruina, Africa nuta
Asia treme; e nas praias de Colombo
A fugitiva liberdade apporta.

No seculo 17.º os holandeses atacam as colonias portuguesas de Africa, que decaem sucessivamente; os ingleses e franceses disputam-nos o comercio. No seculo 18.º a Espanha é vencida por Luiz 14.º na guerra da sucessão, envolve-se em outras guerras inuteis, e os Estados-Unidos proclamam-se independentes sob a forma de republica federal; os holandeses, os franceses e os ingleses sucedem-se aos portugueses na dominação da India.

Não é de Pio a affeminada côrte;

Pio 6.º, papa de 1775 a 1799, deposto e expulso de Roma por Bonaparte.

E em vez d'um Fabio tordador...

Fabio Cunctator ou Contemporisador, general romano durante as guerras punicas, conseguiu pela sua prudencia impedir os progressos d'Annibal.
Veja nota no fim do texto.

... um Quincio

Os lictores, que foram levar as insignias de dictador a Quincio Cincinnato, encontraram-no nos seus campos, guiando êle proprio a charrua. Ficou simbolisando em literatura austeridade e simplicidade.

... um Manlio

O consul Manlio Capitolino salvou o Capitolio dos Gauleses que o sitiavam (4.º Sec. AC.).

Já no Sena ovante

Veja nota no fim do texto.

...vive mais fulgido
O Sec'lo de Luiz...

Assim é conhecido na historia o seculo do reinado de Luiz 14.º, do titulo da obra de Voltaire *Siécle de Louis XIV*. Nêle floresceram brilhantes genios, como: Racine, Molière, Lafontaine e Boileau na poesia; Bossuet, Bourdaloue, Fénélon e Massilon na oratoria; Descartes, Pascal, La Bruyère e Malebranche na filosofia; Possin, Lesueur, Lebrun e Claudio Loreno na pintura; Puget,

Girardon, Coustou e Coysevox na esculptura; Perrault e os dois Mansard na architectura e Le Notre creador d'uma arte nova.

---

succede á velha,
A' pedante Sorbona, almo Instituto.

A Sorbona foi fundada por Roberto Sorbon, capelão de S. Luis, para facilitar os estudos teologicos aos pobres. A Sorbona tornou se uma das mais celebres escolas do mundo. As decisões dos seus discipulos em materia de fé eram consideradas oraculos. O *Instituto Nacional de França* foi fundado em 1795. Comprehende três Academias: 1.ª Sciencias fisicas e matematicas; 2.ª Sciencias moraes e politicas; 3.ª Literatura e Belas Artes.

Deveste a Belisario a vida,

General de Justiniano, vencedor dos Persas, dos vandalos e dos ostrogados! Morreu cego e mendigando. — *Belisario mendigando*, quadro de David (Louvre).

Se das furias crueis d'horrida guerra
O juramento te isentou d'Horacios;

No reinado de Tullio Hostilio disputava-se com os albinos a posse de Alba Longa. Para evitar a guerra assentou-se no combate dos três Horacios, por parte dos romanos, contra os três Curiacios por parte dos albinos. Ao primeiro encontro dois dos Horacios foram mortos e feridos todos os

Curiacios. O Horacio sobrevivente, receando ser morto e portanto resolvido o pleito desfavoravelmente á sua patria, simulou uma fuga. Os três Curiacios porém, corrêram com velocidades diversas por causa da maior ou menor gravidade dos seus ferimentos, e assim foram mortos, um a um. *Juramento dos Horacios* obra prima de David (Louvre).

Se quanto foste em gloriosas quadras
A um necessario roubo, á paz, que o segue,
Ao ferro audaz de Romulo deveste;

As Sabinas, celebre quadro de David (Louvre).

Que, do Meschacebeu vingando as margens,

Veja nota no fim do texto.

C'o vate insigne emparelhou nos vôos,
E na pasmada Europa ergueu d'America
As pomposas florestas, e a nobreza,
Ornamento feroz d'um mundo virgem:

Chateaubriand *(vate insigne)* escreveu um pequeno romance tendo por assunto um episodio da vida selvagem da America, *Atala;* Girodet pintou um quadro, *O enterro de Atala* (Louvre).

Eis á voz de Gerard das campas rompem
Extinctas gerações:

Gérard foi pintor historico.

Saturno as azas
Indignado encolhe, e a presa antiga
Viu roubar-lh'a o pincel, quebrar-lhe os élos
Da impreterivel, perennal cadeia.

Os antigos tomavam Saturno pelo Tempo e, como tal, representavam-no por um velho com uma foice, significando a destruição do tempo; numa das mãos uma ampulheta equivalendo á rapidez do mesmo, ainda simbolisada nas azas; e aos pés uma serpente enroscada, indicando a evolução contínua do tempo. A sua *presa* eram pois os mortos que o pincel de Gérard resuscitou.

Oh Girard! Oh Camões! Qual mão divina
Vos uniu vos juntou? Oh! Folga ó patria!
E tu Souza immortal, grata homenagem
Recebe eterna da mui grata Elysia.

Gérard ilustrou com pinturas suas uma edição dos *Lusiadas* que Garrett nas notas ao Canto 7.º do *Camões* diz ser de 1825, traduzidos em prosa francesa, dedicada a D. José Maria de Sousa Botelho, morgado de Matheus.

Esta data, 1825, póde fazer considerar anacronismo registar a primeira edição de *O Retrato de Venus* como sendo de 1821.

Transcrevemos passagens do autor e de Braga, que bem mostram ser a edição de *O Retrato de Venus*, muito anterior a 1825:

Na edade de dezesete annos compuz um pequeno e fraco ensaio da Poesia didactica, sobre Pintura, ajuntei-lhe um ensaio breve da historia d'esta boa arte; e, como o desejo de me entreter o havia produzido,

a preguiça de o corrigir o conservou longo tempo no primeiro *borrão*.

.....

Começou a imprimir-se a obra nos prélos da Universidade pelos fins de Novembro passado, quando negocios de mais importancia me levaram a Coimbra.

(Declaração sobre o *O Retrato de Venus*—Garrett, 1822).

Ahi (Coimbra) tinha sido impresso e publicado na Imprensa da Universidade o seu poemeto didactico *O Retrato de Venus*, que é uma simples glorificação da Pintura e caraterisação das suas varias escolas. O inocente poema foi denunciado ao Corregedor da Comarca de Coimbra, por ter versos tocados de *filosofismo*, e abuso de liberdade de imprensa, sendo por isso aprehendido e o seu autor processado. Garrett residindo em Lisboa para aqui avocou o processo, e com grande altura e dignidade se defendeu perante o jury, sendo absolvido por sentença de 4 d'outubro de 1822.

(T. Braga: *Garrett e a sua obra*)

Após estes dois argumentos, verdadeiramente irrefutaveis, o primeiro por ser do proprio autor, o segundo porque tudo consta dos registos judiciaes, parece extraordinario que, em 1821, Garrett registasse a edição de 1825. Alêm d'isso numa outra edição de *O Retrato de Venus*, não podia o autor introduzir coisa alguma porque a segunda é postuma (1861, Rio de Janeiro). Tudo porém fica explicado corrigindo a data, que Garrett atribue á edição ilustrada dos *Lusiadas*, de 1825 para 1817, como consta do catalogo da *Camoneana* da Biblioteca Nacional de Lisboa. Comtudo é extraordinario como Garrett registou aquela data, sobretudo reproduzindo o frontespicio d'aquéla

edição, feita em Paris. Se alguma coisa mais ha a explicar os peritos que o façam.

C'o Euripides francez disputa ainda.

Veja nota no fim do texto.

Ao ver nas murchas esmyrradas faces

Veja nota no fim do texto.

Da bella ainda, miseranda Phedra

Veja nota no fim do texto.

Guerin pintou varios quadros com assunto extraido das tragedias de Racine, como *Phedra*.

D'um criminoso amor violencia e fogo

Phedra confessou a Hypolito, filho de Theseu seu esposo, o vehemente e incestuoso amor por êle em que ardia. Desdenhando Hypolito essa paixão, Phedra acusou-o a Theseu que imolou o filho a Neptuno. Phedra, perseguida de remorsos, estrangulou-se.

Guerreira a mente de Vernet

Vernet foi pintor de batalhas.

Os mares folgam de Rollin, Voltaire.

Veja nota no fim do texto.

Assim quando no céu, calada a noite,
Candida brilha sup'rior Diana,
Se com menos fulgor, astros comtudo,
Gentis avultam nitidas estrellas.

Leia Capitulo IX da Historia da Pintura, pag. 93.

CANTO IV

Assunto do Canto 4.º — *Pintores portuguêses: Conclusão da ação do poema.*

NOTAS

do teu Filinto!

Francisco Manoel do Nascimento, Filinto Elysio na Arcadia, foi dos escritores portuguêses mais notaveis no seculo 18.º Victima da inquisição, que o perseguiu e lhe confiscou os bens, emigrou para Paris onde viveu fazendo traduções e ensinando português. Traduziu os *Martires*, de Chateaubriand; as *Fabulas*, de Lafontaine e o *Oberon*, de Wieland. Os seus versos não são belos, mas bem metrificados.

Garrett deveu a pureza e vigor dos seus versos soltos ao estudo de Filinto.

T. Braga.

---

onde a voz de Bocage...

Manuel Maria Barbosa du Bocage, na Arcadia Elmano Sadino, foi autor de muitas composições pequenas, idilios, cançonetas e canções. As principaes são as cantatas á morte de Ignez de Castro e de Leandro e e Hero. Traduziu os poemas didacticos fran-

ceses: *Os Jardins,* de Delille; *As Plantas,* de Castel; a *Agricultura,* de Rosset e o *Consorcio das flôres,* de Lacroix.

A sua tradução mais estimada é a do romance *Paulo e Virginia,* de Bernardim de Saint-Pierre; e a obra de creação de maior valor, sempre crescente, á medida que mais aturados estudo se lhe consagram, os sonetos. São peças verdadeiramente admiraveis pela perfeição, assombrosas pelo engenho que revelam. Entre os grandes autores, beneficiados pelo resurgimento do estudo da nossa litteratura, Bocage é um dêles. Ao seu valor artistico, que o poderia elevar ás arrojadas concepções de Camões, se noutro meio e noutras circumstanciacios tivesse vivido, acresce o prestigio popular da sua simpatica figura e da sua veia repentista e chocarreira. Este e Gil Vicente são dois patriarcas das letras nacionaes que por largo tempo têm jazido no olvido. Felizmente notamos que se começa fazendo justça. Para o conhecimento de Bocage bastante concorreu decerto o centenario celebrado recentemente na sua terra natal.

... a voz de Gomes

João Baptista Gomes, autor d'uma tragedia *Nova Castro.*—Veja nota no fim do texto.

Calcando a juba de Leões gryfanhos,
Parando ás Aguías...

Veja nota no fim do texto.

... Ah! Se aura amiga
Continúa a soprar...

Veja nota no fim do texto.

Inviolavel lei um teu desejo.

Veja nota no fim do texto.

Os feitos dignos de perenne historia

Veja nota no fim do texto.

Lá surge, e avulta
No mysterioso panno um deus, um homem.

Manuel Campello pintou varios quadros sobre a Paixão de Cristo. São os principaes: a *Resurreição*, *Senhor dos Passos* e *Coroação de Espinhos*.

Sensiveis corações, vinde espelhar-vos

Veja nota no fim do texto.

Prazeres de christãos, doçuras d'alma.

Veja nota no fim do texto.

Quanta gloria Fernando ao sabio mestre,
Quantos louros grangeou!

Fernando ou Fernão Gomes foi discipulo de Miguel Angelo.

Hollanda creador!

Antonio d'Holanda, pae de Francisco d'Holanda.

E d'agua exulta candido Agustinho.

O *Baptismo de Santo Agostinho*, a obra prima de Francisco d'Holanda.

Portento d'expressão, viva faisca
Do lume eterno...

Veja nota no fim do texto.

Mantuana lyra.

Vergilio era natural de Mantua.

Ayalla.

No *Museu Nacional das Belas Artes* existem os seguintes quadros de Josefa d'Ayala: *Flores, fructos e hortaliças* (Sala D, 637), *Flores e fructos* (Ibid. 636) *Casamento mystico de Santa Catharina* (Sala E, 599).

Faustoso monumento d'alta Iberia

Veja nota no fim do texto.

Pathmos

Uma das ilhas Esporadas, onde S. João escreveu o *Apocalipse*.

Terra fertil d'heroes, solo fecundo,
Salve!

Veja nota no fim do texto.

Clio alteia
Com portentosa mão contados feitos;

A musa Clio presidia á historia.

O mimoso cendal já pouco avaro

Veja nota no fim do texto.

Que divinos encantos não descobrem

Veja nota no fim do texto.

Sonhada Pythagorica harmonia

Veja nota no fim do texto.

Arrulharem d'amor meigas pombinhas

Veja nota no fim do texto.

Roseos descurvam, se arredondam braços,

Veja nota no fim do texto.

Ondeiam n'alva frente as tranças d'ébano;
e

Veja nota no fim do texto.

Déste: que bem o sei:

Veja nota no fim do texto.

Já, por milagre de Cyprina, é prompta

Veja nota no fim do texto.

E, novos Pygmaleões, por elle anceiam.

Pigmalião, celebre esculptor da antiguidade, enamorou-se da estatua de Galatéa, obra sua, com quem casou depois de animada por Venus.

Admira o joven a belleza...

Veja nota no fim do texto.

---

carinhosa Annalia

Durante o curso da Universidade, Garrett apaixonou-se por uma prima, Dona Thomazia María Annalia do Amaral, a quem dedicou o presente poema e a poesia n.º 13 do 1.º livro da *Lirica de João Minimo.*

Os lácteos pomos...

Veja nota no fim do texto.

Serão meus versos, como tu, divinos.

Veja nota no fim do texto.

*

Advertencia final — O desenvolvimento das notas relativas aos pintores traria comsigo naturalmente a critica artistica e um resumo das suas biografias, quasi todas mal conhecidas. Foi por esta razão e porque a propormo-nos a vencer a tarefa teriamos de lutar com a nossa incompetencia convencida, que nos abstivémos. Aquêles dos leitores porêm, que desejarem um conhecimento mais circumstanciado, consultem *Les Arts en Portugal*, de Rackzinsky e socorram-se, durante a leitura, do bosquejo do autor, a seguir ao poemeto.

FIM

INDICE

INDICE

—

Pag.

Biografia do autor 5

CAMÕES

Notas ao canto I..... 13
» » II..... 28
» » III..... 33
» » IV..... 50
» » V..... 64
» » VI 74
» » VII..... 84
» » VIII..... 103
» » IX..... 125
» » X..... 132
Rapido estudo critico..... 140
Almeida Garrett (trecho) 143

O RETRATO DE VENUS

Notas ao canto I..... 149
» » II..... 163
» » III..... 168
» » IV..... 180